



Banque BCP

Suivez-nous



**Homenagem aos soldados
da I Guerra Mundial em
Bordeaux**



**Voleibol:
Cédric da Silva tem
os olhos na Seleção**

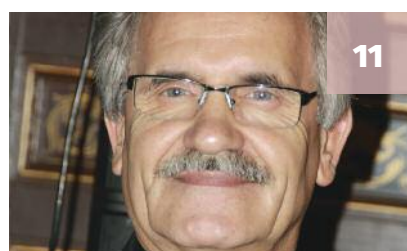
Carlos Soares, vítima de uma bala perdida em Pontoise



**Carlos Gonçalves preside
o Grupo de amizade
Portugal França**



**Morreu Leonel Lopes,
Conselheiro municipal
em Eclose-Badinières**



**Flaviano Ramos
anuncia que deixa
definitivamente o Fado**



Maria Beatriz Rocha Trindade

A socióloga portuguesa que
mais estudou a emigração

Comité Sousa Mendes / Bernard Lhoumeau



GROUPE PINA JEAN

Rénovation - Décoration - Tous corps d'état - Location de bennes - Nettoyage industriel

MONTESSON - Tél : 0139767552 - GROUPEPINAJEAN.COM

PERGUNTA
DO LEITOR

Caro Diretor,
[...] Aproveito para dar os parabéns ao jornal pelo trabalho que fizeram no dia 9 de abril, sobre a Batalha de La Lys. Vocês têm falado muito deste assunto e eu aprendi muito ao ler e ao ver as vossas entrevistas. O meu avô também andou na Guerra, mas eu nunca tinha percebido bem o que era a guerra antes de começar a ler o LusoJornal. Parabéns pelo vosso trabalho. [...]

Sérgio Aires
(mail)

Caro leitor,
Já lhe respondi diretamente sobre os assuntos que nos fez chegar.
Mas quero agradecer-lhe pela referência que faz ao nosso trabalho sobre a participação dos Portugueses na I Guerra Mundial. Estamos certos que temos dado a conhecer esta participação dos soldados portuguesas, não apenas a Portugueses mas também a Franceses.
O nosso trabalho de reportagem do dia 9 de abril, dia em que se comemorava 103 anos da Batalha de La Lys, foi apenas uma maratona de mais de 12 horas de direto nas nossas redes sociais, mas durante todo o ano temos feito, insistentemente e regularmente, referência a esta participação.
Em França ainda se fala pouco desta participação portuguesa, mas no norte, esta participação é ainda muito lembrada. E na redação do LusoJornal, somos vários a abraçar esta causa.
Boas leituras!

Carlos Pereira,
Diretor do LusoJornal

Envie as suas perguntas para:
contact@lusojournal.com

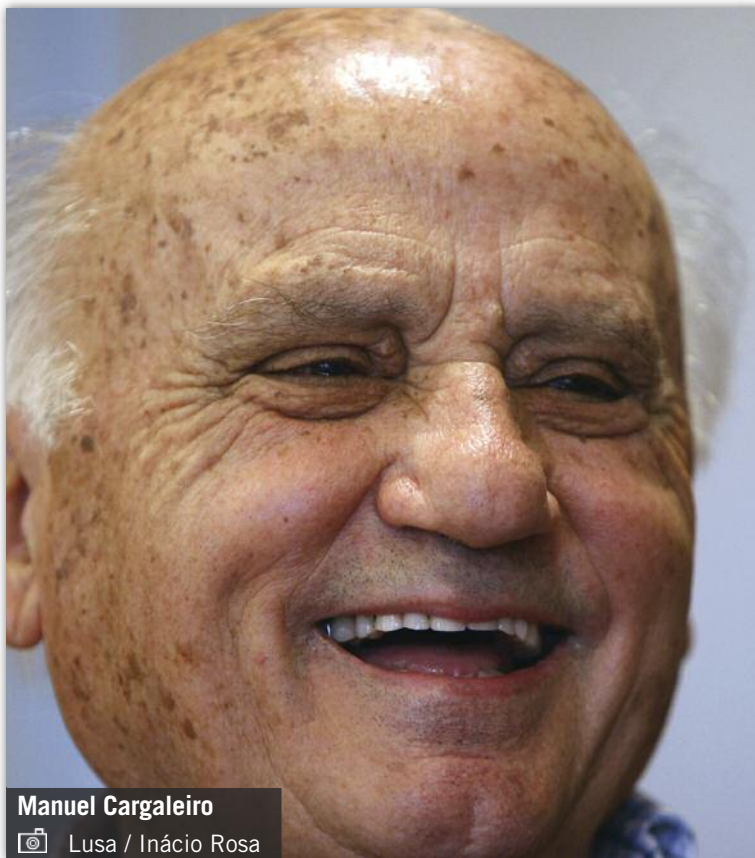


Opinião de João Pinharanda, Conselheiro cultural da Embaixada de Portugal

Manuel Cargaleiro à conversa com Joana Vasconcelos

O que fazem sete operários da construção civil entrando de rompante na Embaixada de Portugal em Paris, capacetes na cabeça, gilets cor-de-laranja sobre o bleu-de-travail, botas e luvas de segurança? Terá entrado a Embaixada em trabalhos profundos de remodelação? Mal se distingue o capataz dos seus homens e apenas quando se houve um “Vamos a isto que temos que voltar ao trabalho” (em português no original...) se percebe que estão ali de passagem, para fazer um favor, que o trabalho deles é outro.

Há um momento e hesitação perante o volume visível que é suposto deslocarem (2 metros e quarenta de altura e 1 metro e 80 de largura máxima), o peso enunciado (200 quilos) e a fragilidade da obra que têm pela frente. Mas o pessoal do camião de transporte, da galeria e da Embaixada acrescentam 10 ao número inicial de 14 braços disponíveis. O Embaixador passa a contar como qualquer outro nessa equipa empenhada em que o grande pote de cerâmica pintado por Manuel Cargaleiro vença os poucos degraus que separam a zona de entrada do átrio. A obra, cedida pela galeria parisiense do artista (a galeria Hélène Bally), veio diretamente da fábrica em Itália, perto de Nápoles, onde o artista a pintou e levou ao forno (em 2005); e vai ficar exposta na Embaixada nos próximos meses integrando a exposição que vem sendo montada no contexto da PPUE [ndr: Presidência portuguesa da União europeia].



Manuel Cargaleiro
Lusa / Inácio Rosa

Mas, por enquanto, a peça está colocada sobre um pequeno charriot que facilita as deslocções em superfície, mas dificulta qualquer mudança de nível. Os breves degraus tornam-se obstáculos assustadores e a enorme peça parece-nos mais frágil que um cristal. As palavras de estímulo e de comando continuaram em portu-

guês pois a equipa reunida ad hoc e graciosamente é pessoal português a trabalhar na grande obra que esta a transformar um quarteirão da vizinhança, o dos antigos escritórios da Lafarge, num grande complexo habitacional. Vencidos os degraus, descê-la do charriot é também operação delicada. Co-

meçamos a ver pedaços de barro a desprender-se da base e paramos; mas percebemos que não pertence à peça, que é apenas matéria seca acumulada no espaço côncavo sob o grande pote. A posição final é determinada tendo em conta a elegante curva dos degraus de acesso ao Salão, a quadrícula de mármore enxaquetado do chão, a grande janela que se abre por cima e por trás iluminando naturalmente o espaço. E tendo em conta, finalmente, o diálogo de gerações e de técnicas que a obra estabelece com “J’Adore Miss Dior” de Joana Vasconcelos, colocado na mesma sala. A modelação do barro, o vidrado branco, a pintura manual, rápida, sintética e de inspiração floral, o cozimento final em forno cerâmico, o peso visível da peça de Manuel Cargaleiro, solidamente assente no chão, confrontam-se com o recorte mecânico de um motivo de design pré-existente (o laço da “Dior”), com a aplicação nessa base de centenas de “flacons de parfum” da linha “J’Adore”, com a iluminação led, com a suspensão da peça de Vasconcelos que assim ilude o seu peso real (400 quilos e as suas dimensões, aproximadamente 4 por 2 metros) fazendo-a voar.

Na segunda metade de maio, e até ao fim de junho, toda a exposição poderá ser visitada sob marcação. Dar-vos-emos essas preciosas informações em tempo certo.
Boas escolhas culturais e até para a semana.

Processo de José Sócrates: Juiz levanta
arresto do apartamento de Paris

O apartamento da rua Braamcamp, em Lisboa, onde residia o ex-Primeiro-Ministro José Sócrates, o Monte das Margaridas e a casa em Paris de Carlos Santos Silva deixaram de estar arrestadas na Operação Marquês por decisão do juiz. No despacho instrutório, proferido na sexta-feira da semana passada, o juiz Ivo Rosa ordenou o levantamento imediato do arresto de vários bens imóveis dos arguidos, designadamente três casas localizadas em S. Martinho (Sintra), o Monte das Margaridas, em Montemor-o-Novo, adquirido pela ex-mulher de Sócrates Sofia Fava, um apartamento de seis assoalhadas na avenida President Wilson, em Paris, dois imóveis no Cacém e um apartamento de luxo no edifício Heron Castilho, na rua Braamcamp, em Lisboa.

A residência na capital francesa foi comprada por cerca 2,6 milhões de euros por Carlos Santos Silva, amigo de longa data de José Sócrates e a quem a acusação dizia ser o “testa

de ferro” do antigo Primeiro Ministro, que habitou o apartamento quando estudou em França.

“Tendo em conta a decisão de não pronúncia relativamente aos crimes ora em causa, quanto aos saldos bancários apreendidos e bens imóveis arrestados, verifica-se que não existem indícios que as quantias e bens imóveis em causa são produto dos crimes de corrupção passiva de titular de cargo político imputados ao arguido José Sócrates”, lê-se no despacho.

Além do levantamento do arresto de bens imóveis a José Sócrates, Carlos Santos Silva e Sofia Fava, o juiz determinou ainda o fim do arresto de várias contas bancárias do ex-administrador da PT Zeinal Bava. Mas, em contrapartida, ordenou a Zeinal Bava a devolução de 6,7 milhões de euros, no prazo de 10 dias, a favor da massa insolvente da empresa ESI/Enterprises, cujo processo de insolvência decorre num tribunal do Luxemburgo.

O juiz considerou que “não exis-

tem indícios de que as quantias monetárias apreendidas aos arguidos Zeinal Bava e Henrique Granadeiro são produto de corrupção passiva, o que faz com que as mesmas “não possam ser declaradas perdidas a favor do Estado”.

Na acusação, o Ministério Público requereu que fossem perdidos a favor do Estado os saldos bancários que estavam apreendidos nos autos, objetos e imóveis arrestados, alegando que essas quantias resultavam do produto ou vantagem dos crimes imputados.

Zeinal Bava não foi pronunciado por qualquer um dos cinco crimes que estava acusado.

Em 2017, o MP juntou à acusação um pedido de indemnização a favor do Estado de 58 milhões de euros que deveria ser pago por José Sócrates, Ricardo Salgado, Carlos Santos Silva, Armando Vara, Henrique Granadeiro e Zeinal Bava, entre outros arguidos.

Quanto ao antigo administrador da

PT, a acusação defendia que Zeinal Bava deverá ressarcir o Estado em perto de 16,7 milhões de euros relacionados com uma verba que lhe tinha sido transferida para a aquisição de ações da PT quando esta empresa fosse privatizada.

José Sócrates, inicialmente acusado de 31 ilícitos, vai a julgamento por três crimes de branqueamento de capitais e três de falsificação de documentos, os mesmos pelos quais Carlos Santos Silva está pronunciado.

Dos 28 arguidos do processo, foram pronunciados apenas cinco, tendo sido ilibados, entre outros, Zeinal Bava e Henrique Granadeiro, o empresário Helder Bataglia e o ex-administrador do Grupo Lena Joaquim Barroca.

Dos 189 crimes constantes na acusação, só 17 vão a julgamento, mas o procurador Rosário Teixeira, responsável pelo inquérito, já anunciou que vai apresentar recurso da decisão do juiz para o Tribunal da Relação de Lisboa.

Os Grupos de amizade demoraram a constituir-se

Carlos Gonçalves volta a presidir o Grupo parlamentar de amizade Portugal-França

O Deputado do PSD Carlos Gonçalves, eleito pelo círculo eleitoral da Europa, tomou posse, na semana passada, como Presidente do Grupo parlamentar de amizade Portugal-França para a XIV legislatura, cargo que já desempenhou na legislatura anterior. Os Deputados Paulo Pisco, do Partido Socialista, e Sandra Cunha, do Bloco de Esquerda, desempenham os cargos de Vice-Presidentes deste Grupo parlamentar.

O grupo parlamentar da amizade Portugal-França é um dos primeiros a ser constituído na presente legislatura.

O grupo é também composto pelos deputados João Gouveia (PS), Maria da Luz Rosinha (PS), Raúl Castro (PS), Sérgio Sousa Pinto (PS), Emília Cerqueira (PSD), Filipa Roseta (PSD), Nuno Carvalho (PSD), Duarte Alves (PCP), Telmo Correia (CDS-PP) e Inês de Sousa Real (PAN).

A população francesa conta com mais de meio milhão de cidadãos



com nacionalidade portuguesa, o equivalente a mais de 8% dos estrangeiros no país, segundo o Observatório da Emigração, mas o número de Portugueses e de Lusodescendentes em França deve ascender 1,5 milhões de pessoas.

Na Assembleia Nacional francesa, a Presidente do Grupo de Amizade France-Portugal é Samantha Cazebonne, Deputada (La République en Marche) eleita pelos Franceses do 5º círculo eleitoral do estrangeiro, que integra Portugal.

Todos os Deputados “franco-portugueses” integram este grupo. Ludovic Mendes (La République en Marche) e Christine Pires Beaune (PS) são dois dos 9 Vice-Presidentes. Dominique da Silva (La République en Marche), a lusodescendente Anne-Laure Cattelot (La République en Marche) e a Deputada francesa casada com um português Laëtítia Romeiro Dias (La République en Marche) também são membros do Grupo de amizade.

Conselho das Comunidades organiza sessão de informação sobre Tributação de Imóveis e Regime do Residente Não Habitual



O Conselho das Comunidades Portuguesas (CCP) vai promover nos dias 15 e 22 de abril, das 18h00 às 19h30, uma sessão de informação sobre assuntos fiscais, intitulada “Tributação de Imóveis e Regime do Residente Não Habitual”.

O evento vai ser coordenado pelos dois Conselheiros eleitos no Luxemburgo João Verdades dos Santos e Rogério de Oliveira. “O objetivo desta iniciativa é partilhar das últimas novidades sobre este tema, abordando os últimos desenvolvimentos nesta matéria, em particular a decisão do TJUE de 18 de março do corrente ano e o impacto desta nas relações entre os contribuintes e a Autoridade Tributária” diz uma nota dos Conselheiros enviada às redações.

Os oradores convidados para esta iniciativa são os advogados António Gaspar Schwalbach e Maria Inês Cotrim, ambos da sociedade de advogados SLCM.

A sessão vai ser transmitida nas redes sociais.

Propinas de alunos de portugueses no estrangeiro renderam 1,2 milhões em 2020

As receitas das Propinas dos alunos de portugueses no estrangeiro (EPE) renderam em 2020 1,23 milhões de euros, representando uma ligeira quebra em relação ao ano anterior, disse na semana passada o Presidente do Instituto Camões.

“A receita das Propinas em 2019 foi de 1,3 milhões de euros e em 2020 foi de 1,23 milhões”, disse João Ribeiro de Almeida.

O Presidente do Camões - Instituto da Cooperação e da Língua, que tutela o EPE, falava ontem perante os Deputados da Comissão dos Negócios Estrangeiros e Comunidades

Portuguesas da Assembleia da República.

“Havia imensos receios de que o ano 2020 fosse um ano catastrófico nas inscrições. Verificou-se uma quebra ligeira face ao ano anterior, não se confirmando aqueles cenários dramáticos”, disse.

Ainda assim, o Presidente do Instituto Camões admite que poderá “haver alguma pressão sobre a receita” das Propinas, “não tanto pela diminuição do número de alunos”, mas pelo alargamento do número de famílias que beneficiam das condições de redução do valor da Pro-

pina [entre 20 e 80 euros] devido a situações sociais.

A Deputada do Bloco de Esquerda, Alexandra Vieira, questionou o Presidente do Camões sobre o que considerou uma desvalorização da rede de ensino do português no estrangeiro, com redução de alunos e professores, lembrando também que os alunos no estrangeiro continuam a pagar Propinas e não têm acesso a manuais gratuitos em contraste com o que acontece em Portugal.

João Ribeiro de Almeida assegurou que o número de professores no estrangeiro “tem vindo a ser refor-

çado”, existindo atualmente 320 docentes na rede oficial pública, resultante de “um esforço financeiro” de recuperação da rede de ensino após a crise económica.

“Entre rede oficial e rede apoiada, há 68 mil alunos” de português no estrangeiro, disse, reconhecendo, no entanto, que em países como a França “ainda há bolsas” onde ainda não foi possível chegar. “Com as restrições orçamentais que temos e com o que foi o passado recente, não podemos subir de repente de 320 professores para 400 ou 500 como gostaríamos”, disse.

• PUB



Pierre-Emmanuel
de OLIVEIRA
Avocat à la Cour
Docteur en droit

CABINET DE BORDEAUX
74 Rue Georges Bonnac
Tour 3 - 1er Etage
33000 Bordeaux
Téléphone : 05.47.48.47.78.

GABINETE DO PORTO
Rua de Ceuta, 118, 1º
4050-190 Porto
Portugal
Telefone: +351 913 959 004

Avocat au Barreau de Bordeaux / Advogado inscrito
no Conselho Regional do Porto CP - 62334P

www.deoliveira-avocat.com

DIREITO UMA QUESTÃO DE CONFIANÇA

Aconselhamento e Representação em processos em
França e em Portugal / Procurações / Termos de Autenticação /
Actos de venda imobiliária autenticados / Constituição de
Sociedades / Declarações Fiscais

Sofreu ataque cardíaco

Morreu Leonel Lopes, Conselheiro municipal delegado em Eclose-Badinières (38)

Por Carlos Pereira

Com apenas 48 anos de idade, Leonel Lopes, Conselheiro municipal delegado em Eclose-Badinières (38), faleceu no passado dia 25 de março e as cerimónias religiosas tiveram lugar na Igreja de Badinières no sábado, 27 de março, e repousa agora no Centro funerário Boudrier de Bourgoin-Jallieu.

Há 21 anos que Leonel Lopes residia em Eclose-Badinières, onde construiu uma casa, mas sempre foi considerado um “homem discreto”. Este já era o terceiro mandato municipal, primeiro como Conselheiro municipal e desde o último mandato que era Conselheiro municipal delegado. Tanto o Maire Alain Berger como os restantes membros do Conselho municipal, exprimiram publicamente o seu pesar pela “morte brutal” deste “homem discreto mas extremamente competente”, também em nome dos

funcionários municipais que se dizem “chocados”.

Os pais de Leonel Lopes são da região de Leiria. A mãe chegou a França em 1961, vinda da aldeia de Janardo (Marrazes, Leiria) e o pai chegou um ano depois, vindo da aldeia de Casalinho (Pombal).

Quando Manuel Lopes registou o filho no registo civil, “eles escreveram o nome à francesa” lamenta ao LusoJornal. Escreveram Lionel em vez de Leonel e Philippe em vez de Filipe. “Na altura eu nem dei conta. Mas o meu filho fez tudo para alterar o nome e conseguiu que o nome dele fosse escrito à portuguesa. Tinha o Bilhete de identidade português e tudo” disse emocionado.

O casal Lopes tem mais uma filha, Céline, que mora em Montpellier. Já aposentados, vão mais vezes a Portugal. “O meu filho gostava muito de Portugal, lia jornais portugueses, quando havia um jogo de uma



equipa portuguesa na televisão telefonava-me logo para eu ver. Ele gostava muito de Portugal e ia sempre de férias a Portugal” conta Manuel Lopes. “A minha nora, Kathy e os meus netos [ndr: Lucas e Lonie, de 20 e 17 anos respetivamente], também gostam muito de Portugal e o meu filho contava um dia instalar-se em Portugal” conta o pai que mora em La Verpillières.

Leonel Lopes trabalhava na CAPI, uma estrutura territorial, onde era responsável pelos espaços públicos e iluminação pública, já que a sua especialidade era a sinalização dos espaços públicos.

Morreu quando estava em casa, a jardinar. “Ele estava no jardim, começou a dar-lhe uma dor no peito, entrou para casa, pediu ajuda à mulher e à filha que chamaram imediatamente os bombeiros, mas morreu assim, repentinamente” conta o pai com emoção. “Foi uma morte brutal”.

Manuel Antunes da Cunha diz que “há uma vontade política de dar uma imagem positiva dos emigrantes”

Por Carlos Pereira

Manuel Antunes da Cunha, investigador, professor universitário, considera que “há uma vontade política muito clara, em Portugal, de dar uma imagem positiva dos emigrantes”. E refere-se ao programa de televisão da RTP “Portugueses pelo Mundo” e ao programa do magazine Lusopress “Portugueses de Valor” que considera “muito bem acolhidos pelos políticos portugueses, porque correspondem àquilo que a Comunidade política portuguesa quer”.

Entrevistado por Isabelle Simões Marques na plataforma do LusoJornal, Manuel Antunes da Cunha afirma que “quando se fala de Portugueses de sucesso, fala-se muitas vezes de empresários, de desportistas, de intelectuais e esquecemo-nos do conjunto de outras pessoas que criaram projetos de vida muito interessantes e de outros não tiveram essa sorte, aliás a Santa Casa da Misericórdia de Paris trata dessas questões”. Por isso considera que “não devemos reduzir só a uma visão das coisas”.

Manuel Antunes da Cunha nasceu em França, filho de emigrantes dos anos 60 e 70. Na adolescência foi estudar para Portugal, mas regressou a Paris onde se licenciou em ciências da comunicação. Desde 2010, depois de ter feito um doutoramento na Universidade de Paris 2 Panthéon Assas, no Institut Français de la Presse, acabou por lecionar na Universidade Católica Portuguesa de Braga, onde é Coordenador do Mestrado de comunicação digital.

Manuel Antunes da Cunha foi jornalista no Diário do Minho e também já colaborou com o LusoJornal. Publicou

em 2009 o livro “Les Portugais de France face à leur télévision” com um estudo aprofundado da RTP internacional e da forma como era vista em França. “Estudei sobretudo como é que Portugal comunica através deste canal de televisão para os Portugueses que residem no estrangeiro, para as primeiras, segundas e terceiras gerações, e como é que as pessoas que vivem no estrangeiro, vêm este canal”. O investigador trabalhou bastante sobre a dita primeira geração, “mais atenta à RTP internacional e ao mesmo tempo muito próxima de Portugal, com muito orgulho das suas raízes, mas também não deixa, de vez em quando, sobre alguns assuntos, de ser crítica em relação a Portugal, em relação aos discursos sobre os emigrantes” explicou ao LusoJornal. “A um determinado momento, para um determinado assunto, podemos ser críticos e estarmos orgulhosos das nossas raízes”.

Por várias vezes na entrevista, Manuel Antunes da Cunha lembrou que “não há uma visão única em relação à RTP internacional, mas há muitas visões”. “Houve sempre uma crítica à RTP internacional que era uma imagem de um Portugal antigo, um Portugal tradicional, mas quando olhâmos para a produção dos conteúdos, de facto não era exatamente assim, havia um conjunto de programas sobre novas produções culturais, um conjunto de programas, como os magazines Contato, que entretanto evoluíram [ndr: hoje Hora dos Portugueses] e que eram feitos pelas próprias Comunidades”.

Manuel Antunes da Cunha diz que no início dos anos 90, os emigrantes “só estavam presentes nos Telejornais da



RTP no mês de agosto. A partir dos anos 90, o próprio Telejornal da RTP começa a ter reportagens sobre emigrantes” e considera que isto é um “efeito colateral” do canal internacional criado em 1992. “Esta presença nota-se também até nas telenovelas, nos talk-shows, onde começa a haver uma presença dos Portugueses da emigração, que não havia antigamente”. E o investigador lembra que na programação diária dos canais portugueses, “há pessoas a telefonarem de Faro, mas também de Paris ou de Nova Iorque. Primeiro não havia essa presença”. “Só por aí, eu penso que valeu a pena a criação da RTP internacional” diz Manuel Antunes da Cunha.

Com as redes sociais, os Portugueses residentes no estrangeiro têm mais informação de Portugal, estão muito

ligados aos grupos Facebook da terra de origem. “Isso alterou a nossa relação com as fontes jornalísticas” diz. “Hoje temos um conjunto de informações difusas e isso dá muito mais riqueza, mas coloca-nos outras questões sobre a qualidade da informação, a veracidade da informação, mas permite de facto uma maior facilidade da relação com o país de origem”.

Manuel Antunes da Cunha diz que a primeira geração foi uma grande consumidora de imprensa regional, “hoje muito menos, porque a imprensa regional está em crise e por várias razões, nomeadamente do fim do Porte Pago”, mas o investigador considera que mantém essa relação com a região de origem através das redes sociais”.

Na entrevista, Manuel Antunes da

Cunha também comentou a forma como os Portugueses de França são vistos na televisão francesa. “Nos anos 60 eram os ilegais, mas não apareciam na televisão. Nos anos 70 e 80 eram os imigrantes que estavam a integrar-se. A partir dos anos 80 começaram a aparecer na televisão mais regularmente sobre a questão da integração e eram mostrados como exemplos de integração porque havia, do outro lado, o ‘para-raios’ magrebino, o magrebino era o mau imigrante e o português era o bom imigrante” explica ao LusoJornal. “Eu diria que era uma imagem paradoxal, ao mesmo tempo é positiva, do bom trabalhador, da pessoa que se integra, mas também é uma imagem negativa, da pessoa que não levanta a voz, que não intervém, que vem aqui para trabalhar”.

“A imagem do ‘maçon’ e da ‘mulher de limpeza’ ainda persiste” garante Manuel Antunes da Cunha, “e não é depreciativo - a minha mãe fez limpeza e isso não é um problema - mas é um estereótipo que continua e para mim ainda é uma imagem negativa na imprensa francesa”.

No fundo, considera que “temos uma imagem positiva, mas somos ainda muito invisíveis, somos invisíveis no espaço público e no espaço mediático francês”.

Mas em contrapartida, em França há cada vez mais reportagens sobre Portugal “porque Portugal profissionalizou-se muito na oferta turística” mas também porque é uma questão de redes. “De facto, as redes da emigração teceram laços que por vezes são invisíveis entre os dois países e há uma visibilidade maior de Portugal em França”.

Na quinta-feira de Páscoa

Carlos Soares morreu com uma bala perdida em Pontoise

Por Carlos Pereira

Carlos Soares, 34 anos, estava no sítio errado, na hora errada, na quinta-feira de Páscoa, no início da noite, em Pontoise (95) e foi surpreendido por uma bala perdida, numa luta com jovens do bairro de Marcouville.

Carlos Soares nasceu em Marcouville, mas morava na localidade vizinha de Osny. Tinha, no entanto, guardado amigos no bairro, com quem estava a partilhar um momento de convívio. Faleceu na ambulância que tentou socorrê-lo.

Tudo começou por uma mota roubada. Ao fim da tarde, um homem de 57 anos de idade, o filho e um amigo, ambos com 23 anos, decidiram dar uma volta pela 'cité' na esperança de encontrar a mota do rapaz, quando, de repente, aperceberam um rapaz a fazer gincanas com a mota. Levava a roda a frente no ar e circulava pela avenida de Lattre-de-Tassigny.

Reconhecendo a mota, e sem refletir, o condutor da carrinha deu uma guinada e lançou-a deliberadamente contra a mota. Sem capacete, o rapaz de 21 anos ficou gravemente ferido e acabou por morrer no hospital Beaujon de Clichy algumas horas mais tarde.

Os rapazes do bairro acorreram de imediato e desafiaram os três homens que seguiam na camioneta. Um deles, o pai, sacou uma pistola de calibre 6.35, segundo o Procurador da República, e disparou pelo menos 5 tiros em várias direções, um deles atingindo Carlos Soares



que estava mais longe.

O jovem português já não teve tempo de chegar ao hospital. Faleceu na ambulância que o veio bus-

car, com uma bala no peito.

"Carlos não tem nada a ver com os rapazes do bairro" diz a advogada da família Sandrine Paris-Heidegger. "É

uma vítima colateral", acrescenta.

Carlos Soares "trabalhava que se fartava", dizem os amigos que o conheciam. Há dois anos casou com Pauline, que tem uma loja de pronto a vestir em Pontoise. Casaram pelo civil em França e pela igreja em Portugal, como costumam fazer muitos lusodescendentes. Tinham uma filha, Liva, com apenas 5 anos de idade, e instalaram-se em Osny, numa casa que Carlos renovou, sozinho ou com a ajuda dos dois irmãos, François e David.

A Maire de Pontoise Stéphanie Von Euw, visitou de imediato a família. A mãe, Flora, vive em Portugal e está destrozada com a morte do filho.

Os colegas organizaram uma "recolha solidária de fundos" no site Leetchi para apoiar a família a passar esta fase delicada.

Marcelo Rebelo de Sousa telefonou à esposa de Carlos Soares

Depois da leitura do artigo publicado pelo LusoJornal no fim de semana de Páscoa, Marcelo Rebelo de Sousa apresentou condolências em nome de Portugal a Pauline Soares. "Estou extremamente emocionada. Vai direito ao coração" conta Pauline Soares ao LusoJornal. "O meu marido era um homem bom, que infelizmente se encontrou no sítio errado, no momento errado".

Marcelo Rebelo de Sousa passou algum tempo ao telefone e dirigiu palavras de reconforto e de compreensão a Pauline Soares.

Pauline Soares decidiu fazer uma cerimónia em França e levar o corpo para Portugal. "Vou levá-lo para Portugal, onde está enterrado o pai dele, em Guimarães" diz ao LusoJornal. "Portugal era verdadeiramente o país do coração do meu marido. Ele sempre se orgulhou muito das suas raízes".

Centenas de pessoas na última despedida a Carlos Soares em Pontoise

Durante mais de duas horas, centenas de pessoas passaram na igreja de Notre Dame, em Pontoise, na região parisiense, para prestar homenagem a Carlos Soares.

"O Carlos era de Pontoise e uma personalidade da nossa cidade, muito apreciado por toda a gente. Toda a cidade está completamente chocada", disse Stéphanie Von Euw, Maire de Pontoise, em declarações à Lusa.

A Comunidade portuguesa da região, assim como os amigos do bairro de Marcouville, de onde Carlos era originário e onde na semana passada foi mortalmente baleado, passaram sexta-feira de manhã na igreja de Notre Dame para mostrar solidariedade com a família do português de 34 anos.

A sua mulher, Pauline, era muito conhecida na cidade por ser comerciante e, segundo a família, tem sentido a solidariedade dos habitantes de Pontoise, mas também de Portugal, especialmente na forma da chamada recebida diretamente de Marcelo Rebelo de Sousa.

"Ela está a aguentar-se e é uma pessoa muito forte, mas claro que vão

precisar de ajuda. E eu estava ao lado dela quando o Presidente da República português nos ligou e ela sentiu a solidariedade vinda de Portugal", assegurou Nadège Baryla, tia da mulher de Carlos Soares.

"Carlos era uma pessoa séria, muito justo, com convicções e alguém com muita energia positiva. Eles eram muito felizes. Casaram-se em Portugal há dois anos, têm uma menina de cinco anos. Formavam uma família muito bonita", contou Nadège Baryla. Carlos Soares era lembrado por todos os que foram ontem à cerimónia como "uma ótima pessoa" e um bom amigo. "Conheço muito bem a família. O pai e mãe dele eram muito amigos dos meus pais, crescemos todos juntos. Era um 'gajo' porreiro como o pai, sempre a rir-se. E também os irmãos. Foi sempre uma pessoa ótima", descreveu Marco Soares, português também instalado na região de Pontoise.

Este era o entendimento geral de quem o conhecia desde criança. "Eu vivia em Marcouville quando era mais jovem e passei muito tempo com o irmão mais velho dele. E Carlos era o mais pequenino e toda a

gente o conhecia. Ele era muito simpático e tinha muita vida", lembrou Audrey, antiga habitante do bairro de Marcouville.

Para a Comunidade portuguesa, este é também um momento de choque. "É a primeira vez que isto tocou a Comunidade portuguesa. E é uma grande Comunidade aqui [...]. Claro que estamos preocupados, tanto assim que a maior parte das pessoas que estão aqui são portugueses, mas também sabemos que foi um caso isolado", declarou Marco Soares.

A quantidade de pessoas que prestou esta última homenagem levou as autoridades locais a um controlo apertado do acesso à igreja, numa operação que juntou os serviços funerários, a polícia nacional, a polícia municipal e ainda alguns voluntários.

"Houve algumas modificações devido à pandemia, para evitar que toda a gente se junte no mesmo lugar. Tomaram-se algumas precauções suplementares para que o funeral do Carlos se passe bem e que a família possa fazer o funeral tranquilo. [...] É uma operação que en-

volve entre 30 a 40 pessoas", explicou César Carvalho, lusodescendente e dono da empresa funerária responsável pelas cerimónias fúnebres de Carlos Soares.

De forma a evitar novos confrontos no bairro de Marcouville e tentando apaziguar a crescente violência na região dos arredores da capital francesa, o município, segundo a autarca Stéphanie Von Euw, prevê obras no bairro e a requalificação dos espaços desportivos para os mais jovens. Quanto à Comunidade portuguesa, a Maire de Pontoise garante que há uma "excelente relação" entre todos. "Temos uma relação excelente com a Comunidade portuguesa. São pessoas bem integradas, que estão muito implicadas nas associações e no Conselho municipal. Apreciamos muito trabalhar com esta Comunidade", afirmou.

O corpo de Carlos Soares seguiu depois para Guimarães, de onde são originários os seus pais e onde vive a sua mãe desde que se reformou em França. As cerimónias fúnebres aconteceram na terça-feira na igreja de São Cristóvão de Selho, já depois do fecho desta edição do LusoJornal.

Suspeitos de homicídio de Carlos Soares são também de origem portuguesa

Carlos Soares foi morto por uma bala perdida, em Pontoise, e os três suspeitos detidos são também de origem portuguesa. A Comunidade portuguesa na região está "revoltada".

"Os três alegados autores principais estão presos preventivamente e acusados de homicídio. [...] Aparentemente os três indivíduos são da Comunidade cigana portuguesa", disse Sandrine Parise-Heidegger, advogada da família de Carlos Soares, em declarações à Lusa.

Carlos Soares, 34 anos, cresceu no bairro Marcouville, um bairro difícil nos arredores da cidade de Pontoise. Apesar de ser uma cidade "onde as pessoas vivem bem" e "com elevado nível de vida", certos pontos desta cidade têm bairros onde "as pessoas têm dificuldades em viver em conjunto", explicou a advogada.

Alexandre Soares, Presidente da associação portuguesa Estrelas de Portugal Cergy-Pontoise, descreveu a mesma situação. "Há bairros que são inseguros e nós evitamos ir a certos sítios por causa disso. Não se pode ir a todo o momento a todo o lado", disse o dirigente associativo, referindo que em Pontoise há uma "grande" Comunidade portuguesa e que a sua associação conta com cerca de 50 alunos entre jovens e adultos que aprendem o português.

Alexandre Soares conhecia pessoalmente Carlos Soares e diz que os Portugueses da região estão "preocupados" e "revoltados".

"Estamos preocupados, ainda por cima quando conhecemos as pessoas. Não foi de propósito, ele estava no sítio errado, num mau momento. Mas estamos revoltados, no entanto guardamo-lo para nós", sublinhou.

Como fazia habitualmente, apesar de já não viver em Marcouville, Carlos Soares passou para visitar os amigos no seu antigo bairro e estava a participar num pequeno churrasco quando uma camioneta atropelou voluntariamente um jovem, que acabou por morrer, e um dos indivíduos no veículo saiu e começou a disparar com uma arma de fogo.

Os amigos de Carlos Sousa organizaram uma recolha de doações na internet para ajudar nas despesas com o funeral, mas também para apoiar a viúva e a filha de cinco anos do casal. "A sua mulher é formidável e está a enfrentar as coisas da maneira possível, porque tem de cuidar da filha que chora e pede pelo pai. É apoiada pela família e pelos amigos. As pessoas gostavam tanto do Carlos que toda a gente de Marcouville a está a apoiar também", indicou a advogada.

A socióloga que mais tem estudado a emigração

Maria Beatriz Rocha Trindade: “A minha vida tem sido para as migrações”

Por Carlos Pereira,
com Isabel Simões Marques
e Maria-José Henriques

Se há uma mulher em Portugal que conhece os temas relacionados com a emigração é a socióloga Maria Beatriz Rocha Trindade, doutorada pela Universidade de Paris V (Sorbonne), agregada pela Universidade Nova de Lisboa e professora da Universidade Aberta.

É um encanto ouvi-la falar porque tem a preocupação da pedagogia. Quando intervém em público, não gosta de estar sentada. Levanta-se, circula e mostra imagens que ilustram o que quer dizer.

Tem livros publicados, trabalhou na Secretaria de Estado da Emigração (na altura chamava-se assim), integrou o grupo de pilotagem científica do Museu de Fafe, e ainda hoje continua a publicar artigos em revistas especializadas e a aconselhar o grupo que está a criar a rede de Museus da emigração. Desperdiçar os seus conhecimentos seria, no mínimo, estranho.

Tudo começou nos anos 60, quando acompanhou o marido, com os três filhos do casal, para uma missão em França. Fixou-se na zona de Orsay, nos arredores de Paris, onde foi contactando com a Comunidade portuguesa ali radicada. Eram quase todos da aldeia de Queiriga, no concelho de Vila Nova de Paiva, distrito de Viseu. A ela se deve a apelação “Queiriga... uma aldeia francesa!”. “A aldeia perdeu, na altura, mais de metade da sua população. Primeiro com a ida de homens, depois de mulheres e a seguir de crianças. Hoje está repartida entre um e outro lado, com uma ligação perfeita” diz Maria Beatriz Rocha Trindade ao LusoJornal, numa entrevista conduzida por Isabel Simões Marques.

Foi assim que nasceu o interesse de Maria Beatriz Rocha Trindade pelas migrações.

Em 1970 fez a sua tese de doutoramento, em Paris. “Nessa época, não havia nada escrito sobre os portugueses em França e isso para mim foi uma oportunidade, porque quando eu apresentei essa proposta, disseram-me ‘Madame, vous avez découvert une mine d’or!’”.

Mas Paris foi apenas ponto de passagem e cinco anos depois, regressou a Portugal. “Nessa altura, em Portugal, não se podia falar de migrações. A emigração era, por assim dizer, uma imagem do falhanço da governação portuguesa” diz ao LusoJornal. Curiosamente, a emigração era tratada nas disciplinas de demografia, geografia, história, mas não pela sociologia. “Aliás, antes da Revolução de Abril, as ciências sociais baniam, de certo modo, a sociologia e a antropologia” confessa Maria Beatriz Rocha Trindade.

Desde então, iniciou um combate para dar a conhecer as migrações. Primeiro no Instituto de Ciências Sociais e Política Ultramarina, de onde

se demitiu, e num museu de etnologia. Depois do 25 de Abril, “com um grupo de muita gente vinda do estrangeiro”, foi desafiada para iniciar a Universidade Nova de Lisboa. Mas entretanto, o marido foi convidado para Diretor Geral do Ensino Superior e, “na altura, cheia de ilusões, achava que não devíamos estar os dois no mesmo Ministério”. Conseguiu então entrar na Secretaria de Estado da Emigração onde ficou nove anos.

Foi uma experiência muito diferente da universidade. Em primeiro lugar teve a consciência que “o discurso político e a realidade são muito diferentes”, por outro lado, o universo da sua intervenção alargou-se, teve a possibilidade de se deslocar muito e ter entrado em contacto com muitas Comunidades nos Estados Unidos, no Canadá, no Havai... “Em todos os sítios onde a universidade não teria capacidade económica para me enviar. Não era investigação - o que fazia um pouco paralelamente - mas foi uma grande aprendizagem”. Representou muitas vezes a Secretária de Estado Maria Manuela Aguiar.

Maria Beatriz Rocha Trindade é tam-

bém sócia fundadora da associação “Mulher Migrante”, uma ideia de Manuela Aguiar, “pessoa super-inteligente, muito criativa e grande pensadora, a quem a migração portuguesa deve muito” assume Maria Beatriz Rocha Trindade. A associação foi presidida por Rita Gomes.

Infelizmente, nesta época de pandemia e depois da morte de Rita Gomes, “que era uma grande executiva”, Maria Beatriz Rocha Trindade considera que “as coisas não têm avançado como deveriam avançar. Mas fica a esperança que as coisas irão para a frente e que tudo vai retomar o seu caminho”.

Até porque a socióloga considera que “o associativismo é a grande teia de ligação nesta plataforma que liga os países de destino e a origem em Portugal”.

Hoje, aposentada, Maria Beatriz Rocha Trindade continua a ser uma mulher de sonhos. “Somos nós, os entusiastas pelas migrações, que temos que ajudar os Governos. Sem a emigração, o país nunca poderia ser o que é hoje” diz.

Gostava de mapear em Portugal, tudo o que foi feito pelos emigrantes, a loja do emigrante, a rua do

emigrante, a fábrica que foi fundada pelo emigrante, o hospital...

“Sabemos perfeitamente que esta emigração intraeuropeia, nomeadamente para França e em menor número para a Alemanha, também ajudou muitíssimo Portugal. Mas se vamos para os Estados Unidos ou para o Canadá, desde as celebrações do Dia de Portugal ao Festival Cabrilho, em San Diego, é espantoso”. E considera que é, sobretudo, qualquer coisa que não está bem explorada em Portugal. “Quem sabe se a nossa Secretária de Estado nos dá a mão e vamos conseguir fazer este mapear das marcas, das dádivas e das presenças dos emigrantes portugueses no território das regiões autónomas e no nosso continente!” Apesar de tudo, considera que “houve uma grande evolução” nos estudos das migrações em Portugal. “Estou satisfeitíssima”. E explica que “quando eu vim, as portas estavam fechadas. Entretanto, fundei o Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais (CEMRI), que na altura foi o primeiro. Hoje há Centros belíssimos das migrações, como o ISCTE, a Universidade do Porto, a Universidade do Minho... e há estu-

dos sobre as migrações em todo o lado”.

“Depois de ter sido tão criticada, hoje esfrego as mãos de satisfação, não com o mal que está a acontecer na emigração, mas pelo interesse generalizado pelas migrações, pois praticamente quase todas as universidades portuguesas, e muitas em todo o mundo, se interessam por este fenómeno social, que é um fenómeno social dos mais importantes, e deixar de o estudar seria um buraco muito grande no nosso conhecimento”.

Maria Beatriz Rocha Trindade não gosta muito da palavra “emigração”. Prefere “mobilidade”, porque “define muito melhor esta deslocação física, porque a imigração tem um sentido jurídico, tem que preencher aquelas condições para ser um emigrante com uma estadia por um determinado tempo ou um contrato de trabalho para poder ser aceite essa deslocação. A mobilidade, dentro desta configuração geométrica do poliedro, vai integrar a deslocação por peregrinação, a deslocação por trabalho, a deslocação por estudo, por melhoria de colocação, por mais oportunidades de trabalho...”



Comité Sousa Mendes / Bernard Lhoumeau

Batalha de La Lys

Homenageados dois soldados portugueses no Cemitério de Bordeaux

Por Carlos Pereira

Numa iniciativa do Comité Aristides de Sousa Mendes, que também é Delegação da Liga dos Combatentes de Bordeaux, foi prestada homenagem, na sexta-feira da semana passada, a dois soldados portugueses que estão no talhão militar do Cemitério Norte de Bordeaux.

A homenagem teve lugar no dia em que se comemorou 103 anos da Batalha de La Lys (que começou a 9 de abril de 1918, no norte da França), junto à campa do soldado Alves Afonso do Carmo, já que o soldado Manuel Marco Viegas está enterrado numa vala comum.

“Portugal teve um contributo extraordinário na I Guerra mundial com intervenção no solo francês e essa página da história foi muitas vezes ocultada, foi muitas vezes esquecida. Esquecida em Portugal, porque o regime português nunca assumiu essa implicação, e esquecida em França, porque os franceses acabaram por esquecer quem os veio ajudar” disse ao LusoJornal Manuel Dias do Comité Aristides de Sousa Mendes. “Na memória dos franceses está a presença dos ingleses e dos americanos, mas as outras nações que contribuíram para a libertação da França foram muitas vezes ignoradas. Pertence-nos a nós, com determinação e com modéstia, recor-



Valentim Fernandes

dar essa página da história”.

Para além de Manuel Vaz Dias, em representação do Coletivo Aristides de Sousa Mendes, participou também Pascale Roux, Conselheira municipal delegada à solidariedade internacional da cidade de Bordeaux e Jorge Silva, em representação do Cônsul Geral de Portugal naquela cidade. Participaram ainda o Presidente da União departamental da Gironde dos Antigos Combatentes e o Presidente nacional dos Porta-Estandartes. O estandarte da Liga dos Combatentes foi, como habitualmente, levado pela portuguesa Maria Luíza Arnaut.

A primeira parte da homenagem teve lugar junto ao Monumento aos mortos da cidade de Bordeaux, na praça do 11 de novembro, seguindo-se uma romagem ao Cemitério Norte de Bordeaux,

em Bruges, onde foi deposta uma coroa de flores junto à campa do soldado Alves Afonso do Carmo.

Manuel Dias lembrou que Portugal mobilizou 55.000 militares para o Corpo Expedicionário Português (CEP), “mas esta implicação militar foi completada por trabalhadores portugueses que vieram para trabalhar na economia de guerra. No total foram 81.600 portugueses enviados para França”.

Jorge Silva leu uma mensagem do Cônsul-Geral de Portugal em Bordeaux, Mário Gomes, onde lembrava que quando esteve em posto em Paris, participou por várias vezes nas comemorações da Batalha de La Lys, no norte da França, e destacou a importância destas comemorações.

“É fundamental que estas cerimónias

e estas memórias sejam preservadas por várias razões: primeiro porque houve milhares dos nossos compatriotas que, no início do século XX, vieram para França para defender um projeto de liberdade e de sociedade e esse projeto foi, depois, um dos pilares para a construção da Europa que nós conhecemos hoje. Mas devemos não só recordar estes soldados, mas também todos aqueles trabalhadores que durante este período vieram contribuir para o esforço de guerra” disse Jorge Silva ao LusoJornal.

Pascale Roux, a Conselheira municipal delegada à solidariedade internacional da cidade de Bordeaux - que estudou em Portugal onde passou aliás o Bac - considera “primordial” continuar a celebrar a amizade franco-portuguesa. A Comunidade portuguesa é

muito importante na nossa cidade” disse Pascale Roux ao LusoJornal. “Eu sei que a Comunidade judaica portuguesa se instalou em Bordeaux no século XV e desde então tivemos outras vagas, temos pessoas de nacionalidade portuguesa ou de nacionalidade francesa, ou às vezes com dupla nacionalidade, e têm uma grande importância na nossa cidade”.

Manuel Dias considera que uma Europa de paz “só é possível se for construída com alicerces na memória”. “Eu acho que é importante, para nós, os portugueses que residimos em França, de nos apropriarmos desta página da história da França, para melhor comunicar e para melhor dialogar com os franceses, porque isto é uma parte da nossa história comum”.

Na entrevista ao LusoJornal, Manuel Dias destacou que “nós não queremos fazer este trabalho unicamente para a Comunidade portuguesa. São os portugueses que tomam esta iniciativa, mas nós queremos compartilhar isto com os franceses, porque estamos em França e é uma página da história de França que tem que ser reescrita por todos em conjunto e não separadamente”.

A reportagem do LusoJornal, transmitida em direto nas redes sociais, só foi possível graças à colaboração da equipa da rádio Os Latinos 33, dirigida por Víctor Santos.

Batalha de La Lys: o Maire de La Couture lamenta que as relações com Murça “tenham esmorecido”

La Couture acolhe um imponente monumento aos soldados portugueses que participaram na I Guerra Mundial. Também nesta aldeia, todos os anos têm lugar as habituais comemorações da Batalha de La Lys, agora perturbadas pela pandemia de Covid-19.

Numa reportagem em direto de La Couture, conduzida por António Marrucho e com imagens de Luís Gonçalves e Lionel Delalleau, o Maire Raymond Gaquere depôs uma coroa de flores em homenagem aos soldados portugueses. Com emoção - “porque a minha fa-

mília esteve implicada no conflito”, diz - Raymond Gaquere lembrou que La Couture, atualmente com menos de 3.000 habitantes, ficou praticamente destruída a 100%. “Não havia praticamente mais nada de pé nesta aldeia” disse ao LusoJornal.

Interrogado sobre o Protocolo de amizade que La Couture - a aldeia onde está o monumento ao soldado português - estabeleceu com Murça - a vila de onde era originário o soldado Milhões - Raymond Gaquere disse que “neste momento é um pouco mais complicado do que

no início. Houve um bom arranque, houve bons intercâmbios, nós gostaríamos de ter continuado, implicando as crianças, mas os contactos são um pouco mais complicados. Esperamos, no entanto, que se possa renovar o contacto com os nossos irmãos portugueses”.

• PUB



Pastelaria Belém
Fabrico próprio artesanal
47 rue Boursault | 75017 Paris
Métro: Rome | 01.45.22.38.95
pastelariabellem@free.fr



Charles Mathieu Dessay e Elliot Schmeltz falam ao LusoJornal

«Lisboète», o magazine dos francófonos de Portugal

Por Carlos Pereira

“Lisboète” é um magazine criado em 2018, em Lisboa, para os milhares de francófonos que residem no país. É um magazine gratuito, distribuído nas instituições diplomáticas dos países francófonos, nas escolas francesas, em lojas e nas principais empresas.

O Diretor da publicação, Charles Mathieu Dessay, jornalista que partilha a sua vida entre Toulouse e Lisboa, explica que o Lisboète Magazine “ajuda a compreender Lisboa e Portugal em geral, junto dos muitos francófonos que se instalam em Portugal, e que são cada vez mais”.

“Por um lado houve as reformas fiscais que fizeram com que se fale cada vez mais de Portugal em França e por outro lado há a atração turística, porque o Turismo de Portugal fez um trabalho formidável e há cada vez mais franceses em Portugal” diz por seu lado Elliot Schmeltz, Diretor comercial.

Charles Mathieu Dessay foi para Portugal em 2017 aprender a língua e acabou por ficar até 2020. “Tratamos assuntos de sociedade e culturais,



bastante vastos, da história à arte e ao património. Tratamos também de assuntos de vulgarização da cultura portuguesa para os francófonos”.

Elliot Schmeltz é francês e estava a prever ir para o Brasil. Antes de atravessar o Atlântico, foi aprender a falar português em Portugal e apaixonou-se pela beleza da cidade e pela generosidade dos portugueses. “Senti-me bem aqui e perguntei-me: o que é que eu vou fazer para o Bra-

sil?” Ficou em Lisboa e é guia turístico para francófonos. Começou essencialmente com clientes particulares, mas foi evoluindo para eventos maiores. Atualmente está à espera que a pandemia de Covid-19 cesse e que os turistas regressem à capital portuguesa.

Para o lançamento de cada edição do magazine, era tradicional organizar um evento. “São festas de lançamento para 200 ou 300 pessoas, em

diferentes sítios da capital”, mas com a pandemia também estas “festas” não tiveram lugar para a edição 6 e 7. A próxima edição, que começa a ser distribuída esta semana, vai ter um lançamento - “se as condições sanitárias não mudarem daqui até lá” diz Elliot Schmeltz - com a projeção de um filme sobre a “surfeuse” Justine Dupont, no cinema S. Jorge, na avenida da Liberdade, em Lisboa. Depois da projeção, o debate vai ser difun-

dido em “duplex” pelo Lisboète e pelo LusoJornal.

“Há um polo forte de pessoas que vem à procura de melhor qualidade de vida e por causa a exoneração fiscal” diz Elliot Schmeltz. “São pessoas com meios, muitos investidores e quadros de empresas francesas que se instalam em Portugal. Também há muitos jovens que vêm à procura de uma rutura, que vêm trabalhar em call-centers. São bem acompanhados quando chegam, não é importante saberem falar português, e Lisboa é uma espécie de saída de estudos, mas não é onde se ganha mais”.

Para além dos franceses e dos belgas, que são as comunidades francófonas mais importantes, Charles Mathieu Dessay, não esperava encontrar um leitorado de portugueses também francófonos. “Ainda existe, mesmo se é um leitorado com alguma idade, mas muito qualitativo” disse ao LusoJornal.

Charles Mathieu Dessay confessa que a Comunidade francesa de Portugal “é muito forte” e “tem muita tendência a ficar entre si, vive em circuito francês”. Por isso, um projeto como o Lisboète Magazine faz todo o sentido.

A Sedes cria grupo de trabalho sobre a Diáspora e convida elementos de França

A Associação para o Desenvolvimento Económico e Social (Sedes) convidou Rui Barata, Paulo Marques e Vítor Oliveira (na foto) como membros deste “Think Tank” de políticas económicas e sociais, sediado em Lisboa. Estes foram os nomes convidados de França, assumindo assim a representação no grupo de trabalho da Diáspora.

A Sedes é uma associação cívica, criada a 4 de dezembro de 1970, ainda antes do 25 de abril de 1974. É atualmente presidida por Álvaro Beleza e tem como Coordenador do

grupo de trabalho da Diáspora, António Teixeira Lopes, que foi aliás Secretário-geral da Sedes até 2018. Possui nos seus quadros diversas personalidades dos mais diversos quadrantes políticos.

O trabalho do grupo da Diáspora começou no passado mês de março e tem como objetivo a produção de matéria relacionada com o tema, com vista à apresentação de diversas propostas no próximo mês de outubro, no Congresso da Sedes, que se realizará em Lisboa.

O grupo de trabalho da Diáspora tra-

balha integrado no grupo da Sobe- rania, que é coordenado por Miguel Poiars Maduro, ex-Ministro e atual professor universitário, e Henrique Monteiro, ex-Diretor e jornalista do jornal Expresso.

A Sedes, que completou 50 anos no final do ano transato, tem neste grupo de trabalho o objetivo de apresentar propostas para melhorar a representatividade das Comunidades portuguesas e de projetar no futuro ideias para melhorar a vida dos Portugueses residentes no estrangeiro.



Vítor Oliveira, um dos três “franceses” do grupo

Região de Lyon: Mini-mercados “Hipertugal” mantêm-se abertos apesar da pandemia de Covid 19

Por Jorge Campos

“Hipertugal” são duas lojas de produtos alimentares que estão abertas ao público e propõem aos seus clientes “os mais genuínos produtos alimentares portugueses”, nas localidades de Craponne e de Grigny (69), ambas nos arredores de Lyon. Nelson Pereira é o principal proprietário da Sarl que tem como objetivo trazer para a zona “Ouest Lyonnais”, uma grande proposta de produtos alimentares portugueses, de várias regiões de Portugal, mas em especial das Beiras.

Os dois “Hipertugal” têm uma superfície de mais de 350 metros quadrados, dedicados à mercearia, bebidas e vinhos de várias regiões



do país, mas também propõem pratos cozinhados, que vendem para fora, preparados e condicionados no local: salgados, leitão por encomenda, frango no churrasco, doçarias regionais e produtos de padaria, assim como saladas, legumes, hortaliças e frutas, que vêm diretamente de Portugal. Aliás, tudo quanto ali se vende, vem de Portugal.

“No início de 2020, com a Covid-19, houve alguns problemas, mas depois adaptámo-nos rapidamente e reencontramos as nossas vendas, mantendo sempre a nossa equipa a trabalhar. Claro que temos muito cuidado com todas as regras de higiene, com o uso de máscara e também com o distanciamento social”

explica Nelson Pereira ao LusoJornal. As lojas Hipertugal abrem todos os dias da semana, de terça-feira a sábado, das 9h30 às 19h00, e ao domingo, das 9h30 às 13h00.

O recolher obrigatório também tem penalizado as lojas de produtos alimentares, mesmo tratando-se de “comércio de bens essenciais”, porque antes os horários de abertura destes comércios prolongavam-se até às 20h30.

Hipertugal Craponne

18 bis rue des Aqueducs
69290 Craponne

Hipertugal Grigny

38 route départementale 386
69520 Grigny

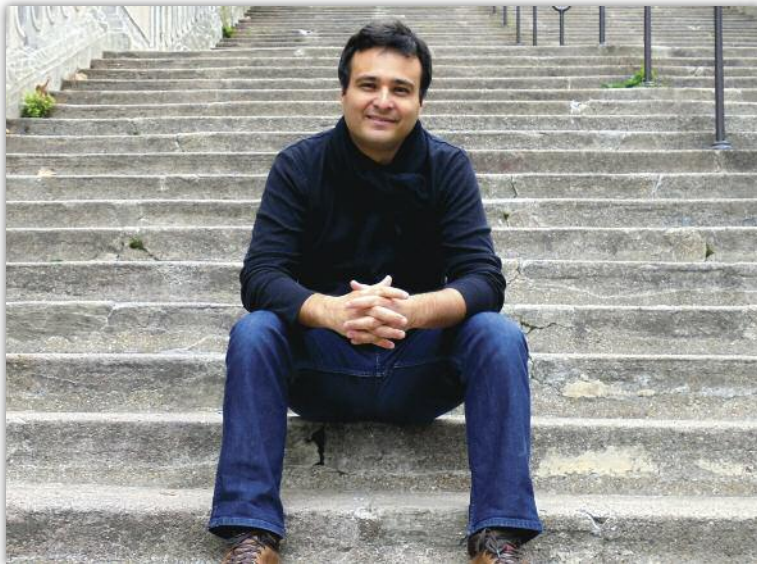
Mapas do Confinamento

Nuno Gomes Garcia e Gabriela Ruivo Trindade juntam cem artistas lusófonos

Cerca de 100 artistas lusófonos, como escritores, fotógrafos ou ilustradores, aceitaram contribuir para os Mapas do Confinamento, uma página de Internet lançada por dois autores portugueses residentes no estrangeiro, um deles é Nuno Gomes Garcia (na foto), que pretende servir de memória futura sobre a Covid-19. Gabriela Ruivo Trindade disse à Lusa que este projeto poderá ajudar a perceber “de que forma, material e imaterial, objetiva e subjetiva, a pandemia afetou e afeta a criação dos vários artistas envolvidos, e como isso transparece na sua própria criação”.

Foi das frequentes conversas à distância, por telefone, que Gabriela Ruivo Trindade e Nuno Gomes Garcia, residentes em Londres e Paris, respetivamente, que surgiu a ideia de reunir testemunhos em língua portuguesa sobre a experiência da pandemia.

Os dois perceberam que, mesmo estando a viver em países com realidades e abordagens diferentes, as palavras usadas eram idênticas para escrever sentimentos sobre confinamentos sucessivos, isolamento ou preocupações com a desigualdade e a pobreza.



“Foi durante essas conversas que nos perguntámos como seria nos outros países que falam português. Se, apesar das realidades totalmente distintas onde vivemos, um lusófono que vive na Europa utilizaria as mesmas palavras que um lusófono a viver no Brasil, em Angola ou em Moçambique para exprimir esses sentimentos provocados pelo confinamento”, explicou a escritora, vencedora em 2013 do prémio LeYa com o primeiro romance, “Uma Outra Voz”.

A página pretende, explicou, “criar uma plataforma de união entre vários artistas de língua portuguesa, ou ligados à língua portuguesa”, mobilizando escritores, poetas, ilustradores, artistas plásticos, fotógrafos ou atores, e “superar os obstáculos causados pela pandemia à criação artística”.

O projeto pretende também ser um “ato de resistência” ao expor a “realidade já de si catastrófica” de falta de apoios à cultura que os respetivos

profissionais sentiram nos últimos meses.

A página foi lançada este mês, coincidindo com o primeiro aniversário da pandemia da Covid-19, declarada oficialmente pela Organização Mundial da Saúde em 11 de março de 2020.

Os portugueses Afonso Cruz, Ana Luísa Amaral, Ana Cristina Silva e Rui Zink, os brasileiros Nara Vidal, João Anzanello Carrascoza, Ronaldo Cagiano, Marcela Dantês, os angolanos Ondjaki e Lopito Feijóo, os moçambicanos Hirondina Joshua e Mélio Tinga e o guineense Emílio Tavares Lima são alguns dos contribuidores. A rede de colaboradores estende-se ao Reino Unido, França e Holanda, onde estão vários dos tradutores, já que o site também terá versões dos textos em inglês e francês.

Gabriela Ruivo Trindade vive em Londres, onde dirige a livraria online Miúda Books, dedicada à literatura infantil de língua portuguesa, e Nuno Gomes Garcia, finalista do Prémio LeYa em 2014, publicou este ano o romance “Zalatlune”, encontrando-se a trabalhar na capital francesa como consultor editorial e onde é colaborador do LusoJornal.

www.mapasdoconfinamento.com

Abrem as candidaturas para a 3ª edição do Prémio Imprensa Nacional/Ferreira de Castro



De 01 de abril a 30 de maio estarão abertas as candidaturas à 3ª edição do Prémio Imprensa Nacional/Ferreira de Castro. Este prémio é atribuído pela Imprensa Nacional, em parceria com o Ministério dos Negócios Estrangeiros, no âmbito da ação cultural junto das Comunidades portuguesas.

O galardão tem uma periodicidade anual e distingue trabalhos inéditos nas áreas de ficção e poesia. Além do valor pecuniário, no valor de 5.000 euros, o Prémio Imprensa Nacional/Ferreira de Castro contempla também a publicação da obra vencedora pela Imprensa Nacional.

O júri é composto pelo académico Carlos Reis (que o preside), pela editora-chefe da Imprensa Nacional, Paula Mendes, e pela professora universitária Fátima Marinho. Na 1ª edição (2019) o Prémio Imprensa Nacional/Ferreira de Castro distinguiu, em ex-aequo, as obras “Não Viajarei por Nenhuma Espanha”, do lusodescendente Marcus Quiroga Pereira (1954-2020), e “Uma Casa no Mundo”, de Irene Marques, portuguesa a residir em Toronto (Canadá).

Na última edição (2020), o Prémio Imprensa Nacional/Ferreira de Castro distinguiu Mónica Auer, portuguesa a residir na Alemanha, pelo seu trabalho em poesia “A Parte pelo Todo”.

“Além de homenagear a figura incontornável e exemplar de Ferreira de Castro, o Prémio Imprensa Nacional/Ferreira de Castro pretende reforçar os vínculos de pertença à língua e cultura portuguesas e estimular a participação de lusodescendentes e portugueses a residir no estrangeiro, prestando, assim, às Comunidades portuguesas dispersas pelo mundo o justo reconhecimento pelas atividades que desenvolvem nos seus países de acolhimento” diz uma nota de imprensa do Ministério dos Negócios Estrangeiros enviada ao LusoJornal.

O Regulamento do Prémio Imprensa Nacional/Ferreira de Castro está disponível no site da Imprensa Nacional e no Portal das Comunidades Portuguesas.

Coreógrafa francesa Flora Détraz vai encerrar a celebração do Dia Mundial da Dança em Guimarães

A Oficina, em Guimarães, vai assinalar o Dia Mundial da Dança, que se comemora em 29 de abril, com um fim de semana dedicado à estreia de novas criações na área da dança contemporânea.

A coreógrafa francesa Flora Détraz

vai encerrar o evento com “Glottis”, no dia 02 de maio, na Black Box do Centro Internacional das Artes José de Guimarães.

No dia 30 de abril, Hugo Calhim Cristovão & Joana von Mayer Trindade apresentam, em estreia ab-

soluta, no Grande Auditório do Centro Cultural Vila Flor, o seu mais recente espetáculo “Fecundação e Alívio neste Chão Irredutível onde com Gozo me Insurjo” e segue-se Vera Mantero, no dia 01 de maio, com a estreia da nova

criação para a companhia Dançando com a Diferença intitulada “Vaamo share oque shop é Beiro Pateiro”.

Os espetáculos que integram este fim de semana dedicado à dança são coproduzidos pela A Oficina.

Projeto Migra: as vivências da migrância nos dias de hoje

Por Dominique Stoenesco

Entre abril e outubro de 2021, mais de 80 escritores, artistas, cineastas, dramaturgos, ilustradores, pesquisadores e atores da sociedade civil participaram do Projeto MIGRA (2021), concebido e organizado por Leonardo Tonus. O projeto visa, entre outros objetivos, estabelecer um diálogo transnacional e transdisciplinar sobre as vivências da migrância nos dias de hoje.

Debates, leituras, jornadas académicas, encontros com estudantes e lançamentos de livros serão organizados através dos canais Youtube e Facebook em parceria com diversas instituições brasileiras e internacionais. O conjunto das atividades compreende uma comissão organizadora com-

posta por pesquisadores, docentes e atores do mundo cultural no Brasil, da Europa, dos Estados Unidos e do Canadá.

No mês de abril, estão previstos encontros e debates em torno dos seguintes temas: Memórias sitiadas (10/04); Retratos estilhaçados (14/04); Quando pássaros pousam no livro que tu lês (17/04); Entre oriente(s) e ocidente(s) (17/04); A comunidade errante: ensaios de literatura e exílio (lançamento do livro em presença dos organizadores) (20/04).

Leonardo Tonus é professor em literatura brasileira na Sorbonne Université. Em 2014 foi condecorado pelo Ministério de Educação francês Chevalier das Palmas Académicas e, em 2015, Chevalier das Artes e das Letras pelo Ministério da Cultura francês. Curador

do Salon du Livre de Paris de 2015 e da exposição “Oswald de Andrade: passeur anthropophage” no Centre Georges Pompidou (2016) é o idealizador e organizador do festival Printemps Littéraire Brésilien. Publicou diversos artigos académicos sobre autores brasileiros contemporâneos e coordenou numerosas publicações. Vários de seus poemas foram publicados em antologias e revistas nacionais e internacionais. É autor de duas coletâneas de poesia: “Agora Vai Ser Assim” (Editora Nós, 2018) e “Inquietações em tempos de insônia” (Editora Nós, 2019). O programa do Projeto MIGRA será atualizado mensalmente. Os nomes dos convidados e dos moderadores, assim como os horários podem ser consultados no site da organização.

www.projetomigra.com



Editora francesa edita álbum que recria a primeira expedição à Serra da Estrela a partir de paisagens sonoras



O artista Luís Antero lançou um álbum pela editora francesa Elektra-music, no qual se inspira na primeira expedição científica à Serra da Estrela para fazer uma “representação aural” daquela região e dos sons que teriam sido escutados em 1881.

O trabalho sonoro, intitulado “1881 (pastagens sonoras 7)”, é apenas uma de muitas viagens sonoras que Luís Antero, a residir em Oliveira do Hospital, fez até à Serra da Estrela, tendo o artista, nesta viagem, como base, a primeira expedição científica à Serra da Estrela, levada a cabo pela Sociedade de Geographia de Lisboa, contou à Lusa o paisagista sonoro.

Ao longo de quase 40 minutos, Luís Antero cria “uma representação aural” assente não apenas no seu conhecimento da Serra, mas ‘reimaginando’ os sons que os membros da expedição terão eventualmente escutado.

No álbum, há vários marcos sonoros da Serra da Estrela, como a neve, algumas aves, os chocalhos das ovelhas de raça bordalesa ou o vento. “O som da serra é poético, mas é uma poesia de rajada. O vento é mais forte, mais presente”, notou. No álbum, ouve-se música ambiental original, com a manipulação de sons recolhidos e utilização de teclas e guitarra, numa criação que também teve como ponto de partida a própria expedição. “Coloquei-me na pele de um dos cientistas da expedição, em que depois de fazer o trabalho de campo, tem de escrever conteúdos, alguma dissertação”, explicou o artista.

No trabalho, é também deixado um alerta sobre a desertificação de que a Serra da Estrela “está a ser alvo”, onde se ouve a determinada altura um pastor, que diz: “Já não é como antigamente. Antigamente era só pastores”.

“Acredito que em 1881 a marca humana estivesse bem mais presente”, salientou Luís Antero.

O álbum está disponível nas plataformas digitais Apple Music, iTunes, Amazon, Spotify e Deezer, entre outras.

É pasteleiro em Saint Maur (94)

Nelson Lennos tem mais de 1,5 milhões de visualizações nas redes sociais

Por Antoine Borges

Nelson Lennos, pseudónimo de Nelson Silva dos Santos, cantor, guitarrista e produtor, nasceu em França, filho de pais portugueses, foi para Portugal, para Leiria, ainda jovem, onde fez os seus estudos e frequentou teatro escolar durante a adolescência.

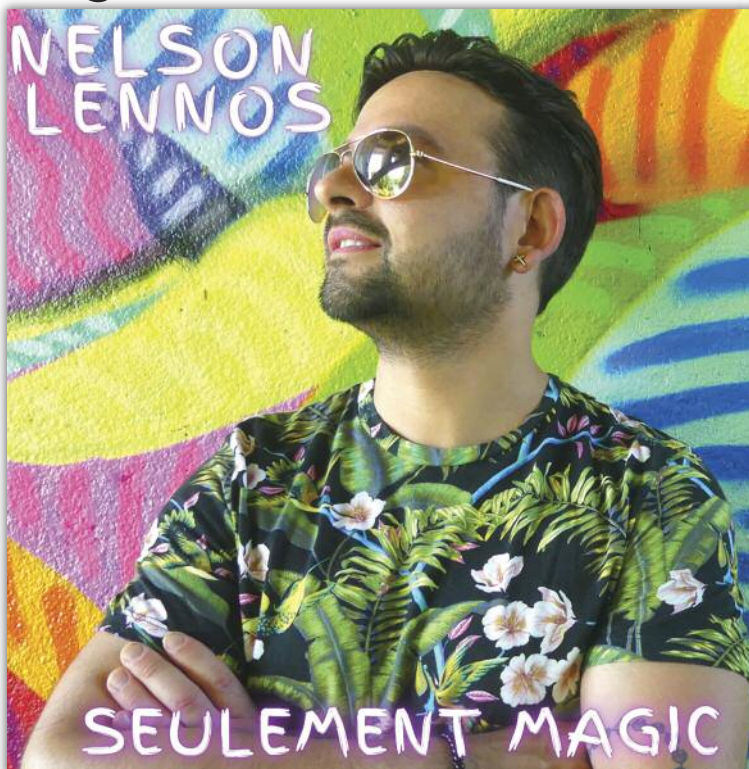
Aos 18 anos regressou a França, especializou-se como padeiro e pasteleiro. Atualmente é proprietário da sua própria padaria e pastelaria, “La Cerise sur le Gâteau”, em Saint Maur (94), em Île-de-France.

A música sempre esteve presente na sua vida. Frequentou aulas de guitarra e de canto com o músico e produtor musical Fabio Deldongo, para se aperfeiçoar.

Em 2019, cria o pseudónimo Nelson Lennos para se lançar na música, e edita o primeiro trabalho discográfico, intitulado a “A vida é linda”, com um texto de Marco Tomé e música de Deldongo, em três versões, Pop, Remix e Acústica.

O clipe oficial da versão acústica ultrapassou a barreira das 500 mil visualizações, entre o Facebook e Youtube, chegando a tocar em algumas rádios nacionais e web.

No mesmo ano, edita mais um single, “Vou chamar amor”, fruto da mesma



parceria musical, numa sonoridade Pop Dance Latino.

Em dezembro do mesmo ano participa no programa do Telethon da Rádio Alfa.

Em 2020, lança-se em francês, uma vez que está radicado em França, e grava “Je t’imagine” de autoria de Del-

dongo e Thierry Obadia, um sucesso, o que o levou a querer continuar a gravar no idioma do país onde vive. No final da primavera, logo após o primeiro confinamento, faz a sua primeira aparição televisiva no JLPP do canal francês IDF1 para promover os seus trabalhos discográficos, e onde

o clipe musical “A vida é linda” é exibido.

No verão, um novo single em francês, “Seulement danser”, de autoria e composição de Deldongo, passando a barreira das 600 mil visualizações, tornando-se até ao momento o seu clipe com maior número de acessos. Numa forma de homenagear a sua profissão de padeiro/pasteleiro, decidiu gravar um tema em castelhano com o título de “Pan con chocolate”, seguindo a mesma linha de sonoridade Pop Latino.

Atualmente, Nelson Lennos está a finalizar o seu primeiro Extended Play, com edição prevista durante a primavera de 2021, onde vai reunir os temas até então conhecidos, e uma nova faixa em francês, “Tu vis dans ma vie”. Os temas de Nelson Lennos passam em grande destaque na Rádio Club Portugal, entre outras rádios webs e nacionais.

Os clipes musicais, acumulam mais de 1,5 milhões de acessos, entre o Facebook, Instagram e Youtube.

Todas as músicas estão disponíveis nas plataformas digitais, o EP vai estar também disponível em formato CD. No futuro espera apresentar o seu projeto musical ao vivo, assim que as condições o permitirem, e continuar a fazer mais música, em paralelo com o seu negócio de padeiro e pasteleiro.

Tiago Martins, organizador de festival Dancefloor quer fazer “evento teste” em Braga

Por Catarina Falcão

O organizador do festival de música eletrónica Dancefloor, Tiago Martins, considera que a edição de 2021 tem “tudo para arrancar”, mas precisa de regras concretas por parte da Direção-Geral de Saúde e disponibiliza-se a ser “um evento teste”.

“Temos bons contactos com as salas, mas o facto de não haver decisões e regras para este tipo de eventos é complicado e eu estaria disposto a ser um evento teste, com todas as regras do que fazemos em França”, afirmou o lusodescendente que organiza o festival a partir de Paris, em declarações à Lusa.

O Dancefloor é um festival de música eletrónica que desde há dois anos se realiza em Braga, antes disso realizava-se em Leiria, e que reúne anualmente 20 mil pessoas.

Com a edição de 2020 adiada devido à Covid-19, a organização, composta por diversos empresários lusodescendentes espalhados pela Europa, espera poder realizar a edição de 2021 a 30 e 31 de julho. “Neste momento está tudo mais ou menos pronto para arrancar. A situação da pandemia é que nos vai fazer tomar as próximas decisões”, assegurou Tiago Martins.

Este lusodescendente é também



Presidente da agência de marketing Marque & Co que trabalha em França com marcas como Danone ou Sanofi, mantendo eventos e parte da sua atividade mesmo durante a pandemia, considerando que o que falta em Portugal são “decisões claras”.

“A grande dificuldade com Portugal neste momento é não haver decisões francas e claras e a grande diferença em relação a França [...] é que as autoridades francesas dão-nos regras e quem não cumprir as regras leva multas bastante fortes. O facto de não haver decisões sobre

as regras [em Portugal] traz uma incerteza”, declarou.

Em termos da relação entre o espaço e as medidas sanitárias - o Dancefloor decorre no Altice Forum Braga - a organização pensa criar quadrados com um número limitado de pessoas, em que amigos poderiam conviver e dançar sem máscara, utilizando-nas zonas de circulação.

Adepto do passaporte vacinal ou uma medida europeia que unifique todas as formas de assegurar que uma pessoa não está contagiada pelo vírus, Tiago Martins conseguiu garantir junto dos seus parceiros a

distribuição de máscaras e gel gratuitos para os festivaleiros, sem impactar o orçamento do evento.

“Economicamente já trabalhamos o festival para não perder nem ganhar dinheiro. Em termos da pandemia, já encontramos um parceiro que está disposto a fazer todos os testes à entrada, oferecer máscaras aos festivaleiros e pôr gel em todos os recantos do festival”, explicou.

A edição de 2019 do festival teve um orçamento de 350 mil euros e em 2020 previa-se um aumento. Sem perspectiva de lucros para 2021, os empresários lusodescendentes estão sobretudo preocupados com as empresas e trabalhadores portugueses. “Eu pessoalmente não tenho tido ajudas relativamente ao festival. Mas gostaria tanto que os meus técnicos de som e de luz tivessem ajuda porque nós temos de ser solidários”, declarou Tiago Martins.

Quanto ao regresso do público do Dancefloor, a organização não tem dúvidas. “As pessoas querem estar juntas e querem experiências, querem viver, mesmo que realizássemos um quadrado de 20 metros quadrados com 10 pessoas lá dentro, já seria tão bom ouvirem música e terem uma luz verde para um futuro melhor, que as pessoas iriam aderir”, concluiu o empresário.

Après plusieurs dizaines d'années en France

Fado: Flaviano Ramos annonce sa retraite artistique

Par Jean-Luc Gonneau

Après plus d'un demi-siècle de présence sur la scène fadiste, Flaviano Ramos annonce sa retraite artistique. C'est par un post envoyé via internet que Flaviano Ramos nous a fait part de sa décision, irrévocable insiste-t-il, de mettre fin à sa carrière artistique. Plus de la moitié de cette longue carrière s'est déroulée en France, où il fit une première apparition en 1975 pendant six mois, puis s'y installa en 1988. De retour au Portugal depuis quelques années, il y poursuivit son activité musicale dans son Algarve natal jusqu'à l'arrivée de la pandémie.

Fils de violiste et vocaliste professionnel, Flaviano Ramos est violiste et vocaliste professionnel. Pendant ses années françaises, il cumula cette activité avec celle de gardien d'immeuble, sur les conseils, avisés, de sa compagne car, nous informe-t-il dans son post, c'est grâce à cette dame qu'il peut vivre aujourd'hui une «retraite confortable» que ne lui auraient certainement pas les «misérables cachets» que lui procurait le fado, quand bien même il fut lors de ces années «françaises» l'un des artistes les plus recherchés et actifs de la scène fadiste locale.

Si j'ai croisé de temps à autre Flaviano



LusoJornal / Mário Cantarinha

Ramos dans sa première décennie en France (pour qui allait régulièrement au fado, il était impossible de ne pas le croiser), c'est à partir du début de ce siècle que je le rencontraï plus régulièrement, notamment au restaurant Le Parc, dont j'étais quasi voisin. Il y officia durant neuf ans, au départ avec un jeune guitariste qui est aujourd'hui l'un des tout meilleurs de la place, Filipe de Sousa, et la chanteuse Conceição Guadalupe, devenue elle

aussi une interprète reconnue de la scène fadiste en France, et à laquelle il prodigua maints conseils musicaux. On le vit aussi longtemps aux côtés du guitariste Manuel Miranda dans son désormais légendaire Coimbra do Choupal, «catedral do fado», puis quelques temps à l'Arganier. On l'entendit surtout à l'œuvre en tant que violiste, beaucoup moins en tant que vocaliste. Dans un entretien paru dans LusoJornal en 2008, il nous

confiait: «ce n'est pas que je préfère jouer plutôt que chanter, j'aime les deux, mais, tu le sais, le métier est difficile pour beaucoup. Si je suis engagé pour jouer la viola et chanter, je prends le cachet d'une chanteuse ou d'un chanteur sans être payé double. Autant partager!». Tant violiste que vocaliste, Flaviano Ramos se veut fidèle au fado traditionnel, le fado castiço, et manifestera peu de goût pour ce qu'on appellera à tort ou à raison le «novo fado».

Il attache une grande importance à la présentation (c'est une grande dame du fado, Ada de Castro, qui le lui conseilla dans sa jeunesse, précise-il dans son post): costume fraîchement repassé, cravate de rigueur, souliers cirés, rasé de près, moustache taillée au cordeau, crinière grise paraissant sortir de chez le coiffeur, tel apparaît Flaviano Ramos devant le public, distingué et courtois.

Hors scène, un bon compagnon, peu avare de blagues parfois même un peu lestes.

Apprenant sa décision irrévocable, il me revint en mémoire un épisode de sa carrière. A la fin de la première décennie de ce siècle, il entreprit de conseiller une très jeune débutante, qui montrait quelque qualité, Diana Santos, dont il devint le manager dans

l'idée d'en faire une star du fado. Il annonça en conséquence sa décision «irrévocable» de ne se produire dorénavant uniquement que si la jeune Diana se produisait aussi. La plupart des organisateurs accueillirent la nouvelle avec scepticisme, et la décision irrévocable fit long feu. Comme quoi être un bon musicien et un bon manager sont de choses souvent différentes.

Nous avons toujours de la peine lorsqu'un ami du fado annonce son retrait. Mais Flaviano Ramos, s'il dit son manque de volonté pour sortir de chez lui et aller jouer régulièrement, n'exclut nullement d'aller de temps à autre assister à une nuit de fado. Car comme l'écrivait le très philosophe João Silveirinho: «J'ai connu d'anciens professeurs, d'anciens présidents, d'anciens plombiers, même polonais, mais je ne connais pas d'anciens fadistes, car on demeure fadiste jusqu'à la mort, et, selon certains, peut-être même après».

Lors de notre entretien en 2008, Flaviano Ramos m'interpella: «Dis bien qu'il y a deux choses qui me rendent heureux, le fado et les femmes!».

Bon, Flaviano Ramos, pour le fado, tu nous dis que tu te calmes, j'espère pour toi que concernant ton autre source de bonheur, ça continue!

Carla Pires: Concerts annulés mais son nouveau CD arrive

Par Jean Luc Gonneau

Le printemps est de retour. Pas tout à fait pour les amoureux du fado: Carla Pires, qui est un printemps à elle toute seule, devait venir en France illustrer cette saison lors de deux concerts en ces premiers jours d'avril, mais les fermetures des lieux culturels consécutives au Covid ne les ont pas permis (elle nous dit: «j'avais tant envie de revenir à Paris»...).

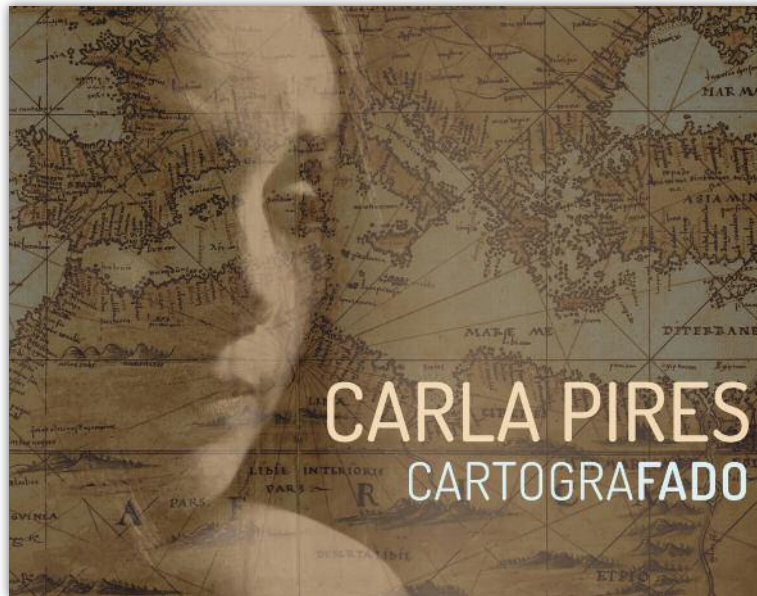
Consolons-nous cependant: si rien ne remplace vraiment une soirée «en présentiel» (quelle horreur de sémantique!), le nouveau CD de Carla Pires est, lui, présent, comme LusoJornal le signalait il y a quelques semaines, et c'est un objet empli de trésors.

Carla Pires aime les couleurs, les voyages, les musiques, la poésie. Elle a l'esprit curieux, qui est aussi comédienne, qui conduisit une réflexion et un spectacle liant le fado et la danse, et, à l'occasion, écrit parfois les textes de ses chansons (dans ce nouvel album, le très réussi «Sozinha comigo», commencé à capella, puis l'apparition des guitares, l'une après l'autre, au fur et à mesure que monte l'intensité de l'oppression mais aussi de la liberté de cette solitude intime, le tout sur la musique immortelle du fado Cravo, que le grand Alfredo Marceneiro nous a laissé).

Plus encore que dans ses albums précédents, celui-ci «Cartografado» est très concerté survolé par le thème du voyage, qui paraît à un moment

où, justement, il est très difficile de voyager, pandémie oblige. «Une ironie de l'histoire, nous dit-elle. Je voulais depuis longtemps faire un album qui rassemble les expériences les sentiments, les impressions que j'ai recueillis lors de mes voyages à travers le monde. Et c'est au moment où cela s'arrête que l'album voit le jour!». Voyages géographiques, et donc musicaux, car chaque coin du globe a ses musiques. L'opus qui donne le titre à l'album est un peu la quintessence du message envoyé par Carla Pires: le voyage du fado dans le monde, des montages aux océans en passant par les forêts, ainsi le fado peut se faire morna du Cap-Vert, chorinho du Brésil, tout en demeurant fado. Un message transmis par un superbe poème d'Amélia Muge (muse de cet album où elle signe près des trois quarts des textes et/ou des musiques) sur un rythme où s'entremêlent fado, morna et rumba. Carla Pires, la voix, Amélia Muge, la poétesse/compositrice, André M. Santos, le directeur musical, un «trio magique» qui résonne avec celui que formèrent, voilà plus de cinquante ans, Carlos do Carmo avec Ary dos Santos, le poète, et Martinho d'Assunção, l'arrangeur musical pour nous léguer ce disque de légende qu'est «Un homem na cidade».

Petit voyage linguistique aussi, avec, chanté en français, l'un des plus beaux poèmes de Paul Eluard, «Ta bouche aux lèvres d'or», poème sensuel d'amour mais où le voyage



pointe son oreille («j'entends vibrer ta voix dans tous les bruits du monde») sur une musique de qui? Amélia Muge bien sûr. Et un clin d'œil à l'espagnol avec «Date a volar», un hymne à l'allégresse (signé par la poétesse argentine du siècle dernier Alfonsina Stroni, pourtant réputée pour ses variations sur la mort et sur la mer, voyages toujours): «Corre, camina, gira, sube y vuela, gustalo todo por que todo es bello», sur la musique du fado Suplica, œuvre d'une autre légende du fado, Armando Machado. Et comme Carla Pires nous vient du nord du Portugal, n'oublions pas le virevoltant, comme son titre l'indique, «Virafado».

Tradition oblige, l'album contient un

fado Menor, «Viajar assim», écrit par Manuela de Freitas, immense actrice et fine poétesse, inspirée ici par Fernando Pessoa: «Em cada fado diferente/ Como o poeta esceveu/ Sou outra constantemente/ E cada vez sou mais eu». Tradition, oui, mais gentiment bousculée: le fado Menor est presque toujours lent et triste, là il alterne couplets et couplets rapides, tristesse et joie, comme la vie, car ainsi est le fado.

Nous avons cité six des trésors contenus dans cet album. Il y en a huit autres à découvrir. Nous avons cité quatre des auteurs des textes que chante Carla Pires. Il est juste d'y ajouter deux des poètes contemporains les plus doués, Tiago Torres da Silva

et Maria do Rosário Pedreira, et d'autres encore. Il faut souligner que le trio de guitares qui enveloppe l'ensemble de leurs talents inclut à la guitarra, le très inventif Bernardo Couto, guitariste préféré d'António Zambujo, à la viola André M. Santos, responsable aussi de la direction musicale de l'ouvrage et à la viola baixa João Novais. Elle commente: «André travaille avec moi depuis plus de dix ans et m'a accompagnée dans la plupart de mes tournées. J'ai pensé à Bernardo pour cet album, car sa subtilité, son sens de l'essentiel et de l'importance des silences me semblait important pour l'esprit de ce travail». Apparaissent aussi un chœur sur un fado, un ensemble à cordes sur un autre, un zeste bien venu de violon sur un troisième. Une telle diversité musicale, une telle qualité poétique pourrait presque faire peur. Pour Carla Pires, «il est sain que le fado puisse s'ouvrir à d'autres instruments et à d'autres cultures musicales. C'est par ces échanges qu'il s'enrichit et enrichit les autres». Ne craignez donc rien: Carla Pires nous offre tout cela avec une grande simplicité, sans artifices ni effets de voix surjoués. Une empathie sensible, qui envahit doucement, comme le bonheur.

On vous l'a dit, cette fille, c'est un printemps ambulant. Confiez-lui vos oreilles!

Carla Pires. «Cartografado». Edité par Ocarina (www.ocarina-music.pt)

Édité par l'Association Mémoire Vive - Memória Viva

Publication du catalogue «Refuser la guerre coloniale»

Par Dominique Stoenesco

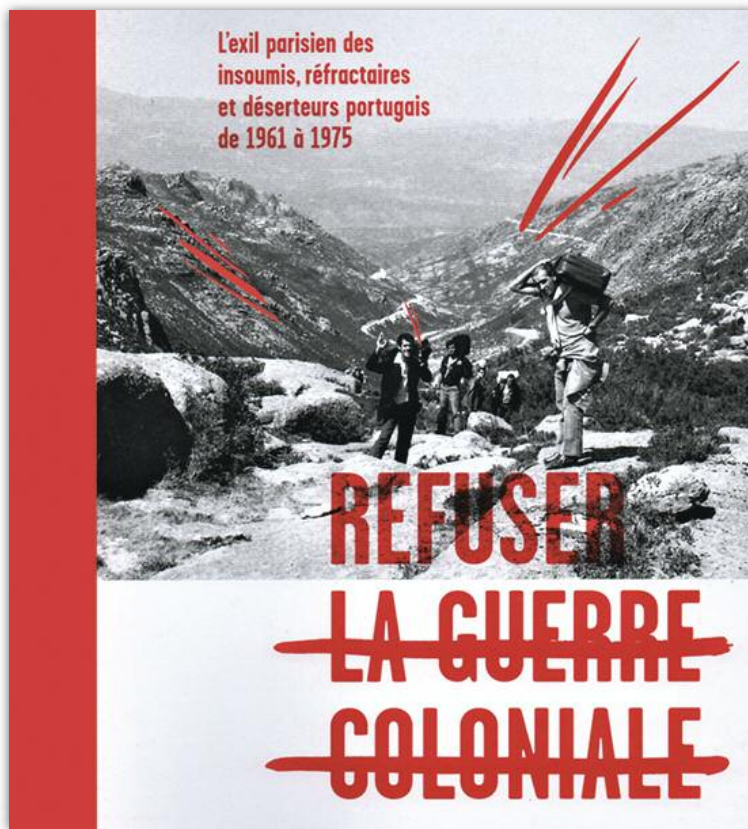
Le catalogue de l'exposition «Refuser la guerre coloniale - L'exil parisien des insoumis, réfractaires et déserteurs portugais de 1961 à 1975» qui avait été présentée à la Maison du Portugal (Cité Universitaire de Paris), en avril 2019, vient d'être publié. Un très riche et très bel ouvrage de 100 pages, édité par l'Association Mémoire Vive - Memória Viva, sous la direction de Hugo dos Santos et avec le soutien de la Direction générale des affaires consulaires et des communautés portugaises (DGACCP).

Ce catalogue est constitué d'une vaste iconographie (photos d'archives, affiches, tracts, journaux, revues, bulletins, livres, disques, caricatures), répartie en 8 séquences, selon la même structure générale de l'exposition: le Portugal de Salazar et Caetano; la guerre coloniale: un Vietnam sur trois fronts (Angola, Guinée-Bissau, Mozambique); le salto; le Portugal à Paris; Paris, capitale de l'opposition portugaise; les comités de déserteurs et les réseaux informels; un printemps culturel en exil; le 25 avril 1974 et après? Toutes les images et tous les documents sont légendés en français et en portugais. Le graphisme a été assuré par Adrien Labbe et Elena Vieillard et la photographie de couverture est de Fernando Cardeira.

L'histoire des déserteurs, réfractaires et insoumis des guerres coloniales

portugaises semble méconnue et oubliée, d'abord au Portugal, mais encore plus en France. Dans un texte introductif, Hugo dos Santos, concepteur et Commissaire de l'exposition, explique les raisons de ce projet: «L'Association Mémoire Vive a décidé de rendre compte de cette histoire à travers une exposition afin de l'inscrire dans la mémoire collective parisienne. Elle est principalement constituée de documents d'archives qui nous ont été confiés par les acteurs de cette histoire mais aussi par des prêts d'institutions en France et au Portugal. La plupart de ces témoins vivent encore en région parisienne ou sont rentrés chez eux après la fin de la guerre coloniale».

Une guerre coloniale menée par la dictature salazariste, de 1961 à 1975. En effet, dès les premiers mouvements indépendantistes, et notamment après l'attaque de la prison de Luanda le 4 février 1961, Salazar appelle les Portugais à «partir pour l'Angola, rapidement et en force». Le conflit devient alors un gouffre financier (40% du budget de l'État) et humain (plus de 800.000 soldats sont envoyés au front). «Cette guerre coloniale, nous rappelle Hugo dos Santos, prendra très rapidement des airs de Vietnam: guérillas soutenues par les populations locales, massacres perpétrés contre les civils par l'armée régulière et les commandos, utilisation récurrente de napalm et de mines antipersonnel». Selon l'histo-



rienne Irène Pimentel, ce conflit aurait provoqué la mort de près de 9.000 soldats, 5.000 civils portugais et plus de 100.000 civils africains. «En réaction, nous dit encore Hugo dos Santos, le pays est peu à peu gagné par un important mouvement de jeunes hommes qui refusent d'être incorporés dans l'armée portugaise ou d'être mobilisés pour les colonies.

L'historien Miguel Cardina, qui s'est appuyé sur les archives de l'armée portugaise, a comptabilisé près de 9.000 déserteurs, 20.000 réfractaires, auxquels s'ajoutent plus de 200.000 hommes qui ne se sont jamais présentés à l'appel de leurs régiments entre 1961 et 1974. La plupart d'entre eux se sont exilés en France, le lieu de passage obligé étant presque tou-

jours Paris. Et ce sont souvent des réseaux familiaux ou amicaux, des organisations politiques et caritatives françaises, ou des comités de soutien aux déserteurs portugais basés à Paris qui leurs viennent en aide».

Outre le texte d'introduction en référence ci-dessus, on notera que chacune des 8 sections qui jalonnent l'ouvrage est précédée d'une présentation des événements fort utile de Victor Pereira. Par ailleurs, à la fin du catalogue, en appendice, on trouvera des textes de Angelo Ferreira de Sousa («L'Afrique, là d'où viennent les œillets»), de Hugo dos Santos («Colonial abyssal») et de Miguel Cardina («Le refus de la guerre et l'abîme colonial»).

Enfin, une chronologie et une brève bibliographie complètent le catalogue. Notons également que tous ces textes ont été traduits par Filipa Freitas.

«Au-delà de constituer un support imprimé de l'exposition 'Refuser la guerre coloniale', nous dit Ilda Nunes, Présidente de l'Association Mémoire Vive, en avant-propos, ce catalogue est également un objet pédagogique». S'insérant dans une démarche d'éducation populaire, il est pour le moment distribué gratuitement aux adhérents de l'association, aux collectivités, aux bibliothèques et à ceux qui en manifesteront l'intérêt (contact@memoria-viva.fr).

Il sera disponible à la vente dans une phase ultérieure.

“Le brutaliste” de Matthieu Garrigou-Lagrange, uma história pós-moderna

Por Nuno Gomes Garcia

O Centro Comercial Amoreiras, inaugurado em 1985 e situado na mais alta das colinas lisboetas, é o grande exemplo da arquitetura brutalista em Portugal. Um edifício de ferro e betão que rompeu, segundo o seu criador, com o “clima de ruralismo de Lisboa”, a mesma personagem que disse recentemente ser esse edifício icónico “um objeto ultrapassado”.

Ora esse criador, homem controverso por natureza, não é outro senão o célebre arquiteto português Tomás Taveira (1938), um dos raros artistas a dar origem a um neologismo - “taveirada”, termo que, cedo ou tarde, constará nos dicionários - e que entrou na memória coletiva portuguesa graças ao escândalo sexual em que esteve envolvido.

Em 1989, as imagens de uma famosa sex tape apareceram na revista “Semana Ilustrada”, mostrando o arquiteto em plena sodomização não consentida de colaboradoras e outras celebridades, vieram abalar a elite lisboeta da época. Uma elite fechada na sua bolha e profundamente patriarcal.

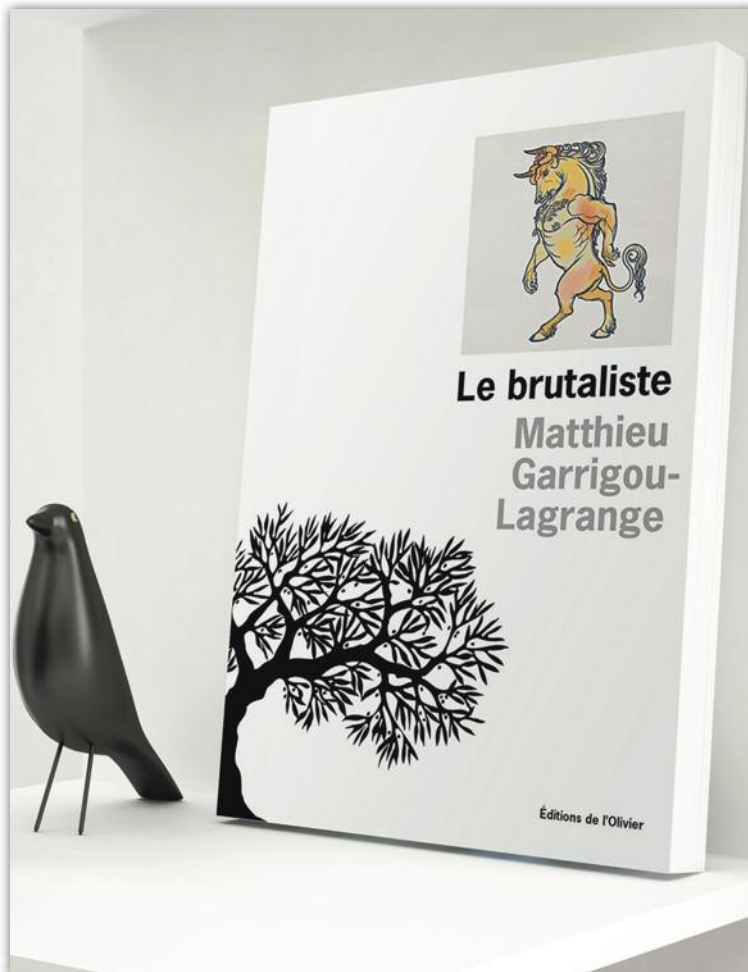
As cassetes VHS com as cenas de

violação filmadas pelo próprio arquiteto chegaram a casa de todos os portugueses e chegaram a atravessar a fronteira.

Este caso Weinstein português dos anos 80 não teve quaisquer consequências (a não ser o descrédito profissional) para o predador sexual, que, anos depois, todavia, voltaria em grande com a construção de três estádios de futebol - Alvalade, Leiria e Aveiro. Os movimentos #metoo e #balancetonporc não passavam então de miragens.

É este homem marcante que o escritor francês Matthieu Garrigou-Lagrange retrata no seu romance “Le Brutaliste”, lançado esta semana pela Éditions de l'Olivier.

O autor, usando diferentes registos de escrita, consegue, com sucesso, tecer estas duas facetas brutalistas do protagonista: o brutalismo arquitetónico e o brutalismo sexual. Matthieu Garrigou-Lagrange, que entrevistou longamente Tomás Taveira em quatro ocasiões, produz uma excelente análise da alta sociedade portuguesa, ainda agarrada aos velhos atavismos salazaristas (sendo o papel menor atribuído à mulher apenas um deles), mas também do mundo da



arte e da arquitetura, ajudando o leitor a compreender como o reconhecimento internacional de outros arquitetos, como os portugueses Siza Vieira e Souto de Moura (ambos galardoados com o Prémio Pritzker), situados nos antípodas estéticos de Tomás Taveira, fizeram com que a herança brutalista fosse pulverizada, sendo substituída pela arquitetura minimalista que hoje marca uma boa parte das paisagens urbanas portuguesas.

“Le brutaliste” acompanha a história de Taveira desde a infância vivida num bairro pobre e proletário de Lisboa, passando pelos anos de trabalhador fabril até ao sucesso e ao estrelato desse “gênio autodidata”, transformado em megalômano sem limites, artísticos ou morais...

Hoje, octogenário, Tomás Taveira passa os dias a alimentar gatos vadios.

Uma vida marcada por escândalos e “taveiradas” que vitimou cidades e mulheres (o predador não consegue ainda reconhecer os abusos sexuais que perpetró). Uma leitura inquietante e reveladora de um certo Portugal ainda bem vivo na cabeça de muitos portugueses.

A Mairie de Bron aceitou abertura da cozinha

Associação portuguesa de Bron salva situação difícil cozinhando “para fora”

Por Jorge Campos

A associação portuguesa de Bron está a ultrapassar as dificuldades financeiras causadas pela Covid-19 com a confeção e venda de comida tradicional portuguesa.

A Associação desportiva e cultural portuguesa de Bron (ASCPB) existe desde 2002 e conta habitualmente com um grande número de sócios e simpatizantes que se juntam nas várias atividades culturais e recreativas ao longo do ano. O grupo folclórico “Flores de Portugal”, representando as danças e os cantares da região do Minho, também anima esta coletividade, com sede na cidade de Bron (69), no “Grande Lyon”.

A pandemia de Covid-19 e as regras sanitárias que foram impostas fazem com que a associação atravesse grandes dificuldades. Com os locais completamente encerrados e sem nenhuma atividade, a situação é difícil. As atividades ligadas ao rancho



LusoJornal / Jorge Campos

folclórico, como por exemplo as participações em festivais e os habituais passeios até à praia, foram anulados, assim como o já famoso Festival de

folclore que a coletividade organiza no mês de julho e que reunia habitualmente mais de uma dezena de grupos de folclore de várias regiões

de França e centenas de pessoas. Tudo foi anulado ou adiado.

“Sentimos muito negativamente esta situação e vivemos o confinamento com grandes dificuldades. Não foi só o aspeto financeiro, mas também o facto de não nos encontrarmos presencialmente nas atividades do rancho, nos ensaios e nos jantares” confessou ao LusoJornal o Presidente Paulo da Silva. “O facto de não recebermos nenhum subsídio nem ajudas, e de sermos totalmente dependentes das nossas atividades, autofinanciando a associação com o bar e as refeições, colocou-nos grandes dificuldades para pagarmos as despesas de funcionamento da associação, como a renda, a luz e o gás. O pagamento das cotas não é suficiente para fazer face a estas despesas”.

“Em setembro, reunimo-nos e fomos à Mairie explicar o nosso caso e as dificuldades que estávamos a atravessar causadas pelo confinamento” explica Paulo da Silva. “Obtivemos

então as autorizações para pormos as nossas equipas da cozinha a confeccionarem ementas regionais portuguesas, e de as vendermos aos sócios, por encomenda, ou a quem quisesse descobrir a nossa gastronomia”.

E foi assim que, todos os sábados e domingos, ao meio dia, a associação vende para fora. “Isto, sinceramente, ajudou-nos a equilibrar a barca e salvamos a associação de ter que fechar por falta de locais e de pagamento das despesas fixas” concluiu o Presidente da ACRPB.

A associação comunica as ementas nas redes sociais e a ideia agradou à população. No entanto, os dirigentes associativos esperam que a situação se ultrapasse brevemente para poderem reabrir os seus locais, começarem a acolher os associados e voltarem a agendar atividades.

ASCP / Flores de Portugal
Infos: 07.68.75.40.03

Associação o Sol de Portugal faz “passeios-leitura” em Pessac

A associação O Sol de Portugal organiza regularmente passeios com leituras e esta sexta-feira, para comemorar os 103 anos da Batalha de La Lys, as leituras tiveram a ver com a participação de Portugal na I Guerra mundial.

Para uma reportagem realizada para o LusoJornal pela equipa da rádio Os Latinos 33, coordenada por Vítor Santos, os membros da associação tiveram de se dividir em dois grupos para respeitar as regras sanitárias devido à pandemia de Covid-19.

Habitualmente, e para comemorar os 40 anos da associação, os passeios servem para ler textos, ao ar livre, que foram publicados no livro “Secrets d’étoffes et d’histoires” que a associação editou recentemente

com testemunhos de imigração (não apenas de Portugueses). São leituras contadas na primeira pessoa, durante um passeio, vivenciadas por membros da associação.

Desta vez, no dia em que se comemorava a Batalha de La Lys, impunha-se ler textos relacionados com a I Guerra Mundial e com a participação dos Portugueses na frente da Flandres francesa. Até porque a associação tinha previsto fazer uma cerimónia junto ao Monumento aos Mortos pela França em Pessac, e foi anulada devido ao confinamento. Maria Luísa Arnaud leu um texto que escreveu sobre o avô que participou na I Guerra mundial e leu um outro texto baseado no prefácio do livro “O sacrifício do Comandante Xavier



da Costa durante a Grande Guerra” que lhe foi oferecido pela Câmara municipal de Viana do Castelo em 2018. Nessa altura, Maria Luísa Arnaud esteve em Viana com o marido realizador Raymond Arnaud (entretanto falecido) para preparar um filme, e recebeu também, como presente, uma cópia do “Relatório do Batalhão 29, do 9 de abril de 1918”. Isabel Vincent leu um texto de António Lourenço Barbosa, avô de uma associada da associação, que “participou nesta Guerra de 14-18 e que teve a sorte de regressar a Portugal”. Estava presente Jorge Silva, em representação do Cônsul Geral de Portugal em Bordeaux, Mário Gomes, e estava também presente um jornalista do jornal Sudoest.

Associação Hironid’ailes envia 3.500 prendas para hospitais portugueses

A associação Hironid’ailes preparou 3.500 “bolsinhas do coração” que vão começar a ser distribuídas hoje aos profissionais de saúde de cinco hospitais portugueses para mostrar o seu “reconhecimento” a estas equipas.

“É só para mostrar o nosso reconhecimento [...] É importante para mostrarmos que não são esquecidos. Mesmo longe, pensamos neles, no trabalho que eles estão a fazer e no tempo que eles passam longe das próprias famílias para ajudarem as outras”, explicou Suzette Fernandes (na foto), Presidente da Hironid’ailes, em declarações à Lusa.

A associação coseu 3.500 sacos com

pequenas lembranças que vão ser distribuídos a partir de hoje nos hospitais de Santa Maria (Lisboa), Santo André (Leiria), Santa Luzia (Viana do Castelo), Sousa Martins (Guarda) e Rainha Santa Isabel (Torres Novas).

Além das lembranças como pequenas joias, velas ou cremes para as mãos, cada saco contém também um poema da autoria de Lurdes Loureiro, poetisa portuguesa radicada em França. “Todos nós temos lá a nossa família. E se não for para cuidarem deles na Covid, cuidam deles noutras ocasiões. Temos de mostrar o nosso reconhecimento e o nosso agradecimento ao trabalho que eles

fazem”, disse a líder associativa.

Todas as lembranças foram doadas por empresários portugueses radicados em França ou lusodescendentes, assim como a impressão dos poemas e o transporte até Portugal. Esta ação contou ainda com o apoio da Rádio Alfa.

A associação Hironid’ailes reúne várias costureiras de origem portuguesa na região de Paris e intervém principalmente em ações de solidariedade, tendo produzido mais de sete mil máscaras desde o início do confinamento que foram doadas a profissionais de saúde para os trajetos entre casa e hospital e também aos mais necessitados.



Festa franco-portuguesa de Pontault-Com-bault deste ano será “digital”

A Associação portuguesa cultural e social (APCS) de Pontault-Com-bault, que organiza todos os anos, com a autarquia local, a maior Festa franco-portuguesa de França, anuncia que o evento deste ano será “digital”.

Já em 2020 a Festa não teve lugar pelas razões evidentes de pandemia de Covid-19, tendo o Presidente Cipriano Rodrigues considerado que foi um ano “particular e imprevisível”. Mesmo se se tratava da 45ª Festa franco-portuguesa, foi completamente anulada.

“Neste ano de 2021, organizamos uma festa em versão digital nos dois dias 22 e 23 de maio, com o intuito de manter uma ligação com o público, parceiros, entidades, voluntários e artistas e relembrar momentos únicos dos anos anteriores” diz Cipriano Rodrigues numa nota enviada ao LusoJornal. Do cartaz fazem parte José Malhoa, Nêmanus, Jorge Amado e Tiago Maroto, numa Festa apresentada por João Carlos Costa e unicamente difundido na página Facebook apcsffp. Tratam-se de “concertos gravados em Português (em exclusivo para a APCS), retrospectivas dos anos transatos, discursos de identidades, spots promocionais de diferentes artistas, que estarão disponíveis nas redes sociais durante o fim de semana de Pentecostes, dedicado ao nosso evento”.

Mas a associação portuguesa já anuncia a data da 46ª Festa Franco Portuguesa, que deve ter lugar nos dias 4 e 5 de junho de 2022, “a vivo e a cores”.

Pena suspensa para jovem que assaltou residências de Cabeceiras de Basto

O Tribunal Judicial de Guimarães condenou a quatro anos e meio de prisão, com pena suspensa, um jovem de 17 anos que entre janeiro e maio de 2020 assaltou sete residências em Gondiaes, Cabeceiras de Basto.

O arguido foi condenado por um crime de roubo e seis crimes de furto qualificado, sendo os alvos casas de emigrantes ausentes no estrangeiro ou onde viviam pessoas idosas sozinhas.

Para a fixação da pena, o tribunal teve em conta a idade do arguido, decidindo aplicar o regime especial para os jovens, que preconiza uma atenuação especial.

Football / National

Créteil/Lusitanos casse la mauvaise dynamique et arrache le nul

Par Fábio Morais

US Créteil/Lusitanos 1-1

Bourg-en-Bresse

A la mi-temps: 0-0

Stade Dominique Duvauchelle, Créteil

Buteurs: US Créteil/Lusitanos: Sangaré (89 min) / Bourg: Quarshie (57 min)

Cartons: US Créteil/Lusitanos: Jaune pour Soaré (56 min) et Pereira (93 min) / Bourg: Cassara (79 min)

US Créteil/Lusitanos: Véron, Ahmada (Baptista, 64 min), Fofana, Soaré, Baillon (Cap.), Bru (Chergui, 64 min), Baal, Pereira, Sangaré, Pancrate (Farade, 75 min), Sawadogo.

FBBP01: Cassara, Tanard, Romany, Perradin, Testud, Kraichi, Nirlo, Ndiaye, Khous (Atik, 65 min), Quarshie (Julienne, 88 min), El Ouzzani.

Après trois semaines sans jouer, les Béliers étaient de retour aux affaires avec la réception de Bourg-en-Bresse dans le cadre de la 29ème journée de National.

C'était aussi la première d'Emmanuel da Costa sur le banc cristolien.

Les Béliers avaient à cœur de remettre la marche-avant après avoir essuyé 4 défaites de rang. L'US Créteil/Lusitanos



va heurter le poteau dès la 8ème minute par Ludovic Pancrate sur une tête bien décroisée. Sur l'action suivante, les Bressans vont mettre Véron à contribution pour la première fois du match, via Romany (10 min). Au quart d'heure de jeu, c'est Sawadogo qui va tenter sa chance après une combinaison sur coup-franc, mais il ne parviendra pas à redresser sa frappe. Les deux équipes vont faire jeu égal et se rendent coup pour coup.

Coté Bressan, Tanard va obliger Véron

à sortir une parade exceptionnelle à la suite d'un boulet de canon hors de la surface (30 min). Coté Cristolien, c'est Pancrate qui va avoir une inspiration lointaine, mais sa frappe va passer tout près du cadre de Cassara (35 min). Les deux équipes rentrent donc au vestiaire sur un score nul et vierge. À la reprise, les Bressans se sont montrés plus entreprenants et ont poussé Véron à un nouvel arrêt à la suite d'une frappe de Khous (55 min).

Bourg-en-Bresse va finalement réussir

à ouvrir le score par l'intermédiaire de Quarshie sur une tête à la suite d'un corner (57 min). Créteil/Lusitanos va se mettre à courir derrière le score, mais c'est Bourg-en-Bresse qui va passer proche d'aggraver la marque. Auteur d'une nouvelle parade exceptionnelle, Véron va garder les Cristoliens dans le match (68 min). L'US Créteil/Lusitanos va passer proche de l'égalisation sur corner, mais Soaré va butter sur Nirlo qui va sauver son équipe sur la ligne. Le match va s'emballer vers la 90ème minute. Créteil/Lusitanos va égaliser à la suite d'une bonne tête de Sangaré sur un service de Chergui. Bourg-en-Bresse va répondre sur l'action suivante où Julienne va rater le cadre alors qu'il avait le but ouvert. Sur la toute dernière action du match c'est Créteil/Lusitanos qui aurait pu repartir avec la victoire. Sangaré va réussir un beau mouvement et servir Sawadogo qui, à 3 mètres du but, va buter sur Nirlo, encore lui, ratant ainsi l'occasion de renverser le match.

Score final 1-1, les Béliers cassent la dynamique négative et engrangent leur premier point depuis 4 matches.

Cap sur Le Mans où l'US Créteil/Lusitanos a rendez-vous à la MMArena, mercredi 14 avril, à 18h45 dans le cadre du rattrapage de la 28ème journée de National.

Ténis: Gael Monfils e Richard Gasquet anunciados no Estoril Open

O Estoril Open em ténis vai contar com a participação dos franceses Gael Monfils, 14º colocado no 'ranking' ATP, Ugo Humbert (30º), Benoit Paire (33º), Jeremy Chardy (49º) e Richard Gasquet (50º e campeão em 2015).

O torneio vai ter lugar no Clube de Ténis do Estoril, entre 24 de abril e 02 de maio, numa edição que decorrerá à porta fechada, devido às restrições

decretadas pelo Governo, na sequência da pandemia provocada pela Covid-19.

A organização anunciou também a participação do argentino Diego Schwartzman, número 9 mundial, que em outubro de 2020 atingiu o oitavo lugar do 'ranking' ATP, e que assinalará a sua estreia na terra batida do Estoril. O Estoril Open vai colocar em ação

mais três jogadores do 'top 20' da hierarquia mundial, o espanhol e campeão no CT do Estoril em 2017, Pablo Carreño Busta (15º ATP), o italiano Fabio Fognini (17º ATP) e o chileno Cristian Garin (20º ATP).

“Teremos cinco jogadores do 'top 20', é um recorde para o Estoril Open, e mostra que o quadro está extremamente forte. Teremos também três

campeões, o Gasquet, o Carreno Busta e o João Sousa, que nos deixam muito felizes, assim como o regresso do Monfils e Fognini é muito especial. São dois dos jogadores mais carismáticos do circuito e que são obviamente excelentes para as audiências televisivas, sobretudo num ano em que o evento será puramente televisivo e digital”, disse o Diretor da prova.

ABONNEMENT

Oui, je veux recevoir chez moi,
20 numéros de LusoJornal (30 euros)
50 numéros de LusoJornal (75 euros).

Participation aux frais d'envoi

Mon nom et adresse complète (j'écris bien lisible)

Prénom + Nom

Adresse

Code Postal

Ville

Tel.

Email

J'envoie ce coupon-réponse avec un chèque à l'ordre de LusoJornal, à l'adresse suivante :

LusoJornal:
11 bis rue de l'isle
95410 Groslay

• PUB

RADIO CLUB PORTUGAL APRESENTA OS ANIMADORES

ANTOINE BORGES

CARLOS SAVALLA

MARC TOMÉ

Radio Club Portugal
Bom dia Alegria

Volley-Ball

Cédric da Silva: «Représenter le Portugal, un rêve»



LusoJornal / Marco Martins

Par Marco Martins

Cédric da Silva, athlète franco-portugais de 24 ans, a disputé le Championnat de deuxième division de volley-ball en France avec l'équipe de Nancy. Toutefois cette saison 2020/2021 s'est terminée lors des demi-finales du play-off de la LMB avec une double défaite face au Plessis-Robinson, 1-3 et 3-1 lors des deux matchs.

Cédric da Silva, né dans la région d'Orléans, puis passé par Saint-Brieuc et Orange Nassau, représente depuis 2018 le Grand Nancy Volley-Ball. En interview au LusoJornal, ce jeune athlète, né de parents portugais, revendique son appartenance lusitanienne, mais également française, lui qui espère représenter la «Sélection». Ce rêve peut être en passe de se réaliser car Cédric da Silva va intégrer l'effectif d'un club de première division française et sera donc plus visible pour le Portugal, lui qui a révélé, lors de sa présentation à la Ligue Nationale de Volley-Ball, que son sportif préféré était Cristiano Ronaldo et que l'événement sportif qui l'a marqué a été la victoire du Portugal lors de la Coupe d'Europe de football en 2016.

Quel bilan peut-on faire de cette saison qui se termine sur une défaite en demi-finale des play-offs?

Dans sa globalité, on peut dire que c'était une saison particulière car il n'y avait pas de supporters. La saison dernière, on avait fait une bonne saison, mais cette année, on a été en demi-teinte toute la saison. En plus, on n'a pas été épargné par les blessures. Ce n'était vraiment pas une saison facile.

Est-ce une déception de finir aux portes de la finale?

Evidemment, c'est même une grosse déception. On a vraiment un club qui travaille énormément pour nous. Un Président et un manager qui ont fait beaucoup pour nous tout au long de la saison. Si on avait des problèmes, ils étaient là pour nous et ils ont fait beaucoup de sacrifices pour nous. Je suis très déçu surtout pour eux, avec

tout l'investissement qu'ils ont fait. C'est vraiment une déception.

Et au niveau personnel, cette saison?

Je ne suis pas hyper satisfait de ma saison. Je pense que j'ai mieux joué la saison dernière, comme un peu toute l'équipe si on regarde ce qu'il s'est passé sur le terrain. En plus, on n'a pas énormément changé l'équipe par rapport à la saison dernière. Moi, de mon côté, j'ai attrapé la Covid, puis j'ai eu une déchirure qui m'a éloigné des terrains pendant 6 semaines et cela juste avant les play-offs. C'était une saison assez compliquée pour moi.

Comment vous avez vécu ce moment avec la Covid-19?

Personnellement, je n'ai pas eu trop de problèmes avec la Covid. J'étais très fatigué et j'ai eu une grosse migraine, mais je n'ai pas de complications très, très graves.

La situation était compliquée dans l'Est, comment l'avez-vous vécue?

Franchement, je trouve que ce n'est pas une situation facile à vivre. En plus, à Nancy, à chaque match, on faisait salle comble et il y avait une très, très bonne ambiance. Ça me manque énormément. On aurait joué beaucoup mieux si on avait pu avoir notre public avec nous.

Comment vous vous êtes dirigé vers le volley-ball?

Cette passion s'est révélée avec une professeure d'école. J'ai deux grandes sœurs et elles ont rencontré cette professeure qui jouait dans un club pas loin de chez moi. Moi, à la base j'ai joué 9 ans au football. J'allais de temps en temps les voir jouer. Je tairais de temps en temps dans le ballon et l'entraîneur m'a dit que je me débrouillais pas mal pour un mec qui ne joue pas au volley. Et c'est ainsi que j'ai commencé à jouer au volley.

A quel moment on décide d'abandonner le football et d'aller vers le volley-ball?

Au moment où on doit choisir entre être à l'intérieur au chaud et être à

l'extérieur sous la pluie. J'ai vite fait mon choix (rires). C'est là où j'ai fait mon choix (rires) et j'ai décidé de pratiquer le volley-ball.

Et à quel moment on se dit qu'on peut en vivre?

Au début, ce n'était pas mon souhait. C'est venu à moi. On va dire que j'ai rencontré les bonnes personnes et elles m'ont beaucoup aidé, elles m'ont beaucoup poussé. Ces personnes ont cru en moi et j'en suis là aujourd'hui, un peu par chance, car je n'ai pas suivi un cursus normal par rapport aux autres athlètes. Je n'ai pas fait de pôle espoir, pas de pôle France, je suis arrivé directement au sein d'un Centre de formation à Saint-Brieuc, à l'âge de 17 ans. J'ai réussi à faire mon petit bout de chemin jusqu'à en arriver là maintenant.

Quel est votre relation avec le Portugal?

Normalement j'y vais tous les ans, ou j'essaye d'y aller tous les ans, pendant trois semaines durant l'été. Mes grands-parents y vont tout le temps, j'ai également ma copine qui est portugaise et ses grands-parents habitent là-bas. On y va souvent et j'essaye d'y aller tous les étés si je peux.

Vous deux parents sont donc portugais?

Mon père est né au Portugal, à Porto, tandis que ma mère est née à Vila Real.

La Sélection portugaise est une possibilité?

Pourquoi pas? Moi, je ne suis pas contre. Ça serait un moyen de prendre pas mal d'expérience, mais après, il faut savoir que je n'ai jamais été en contact avec eux pour l'instant. Mais si jamais ils me contactent, je serai ravi, si c'est possible.

Mais entre la Sélection française et la portugaise, le cœur balance?

Moi j'ai toujours été pour le Portugal, que ce soit au football ou dans tous les autres sports. Mais évidemment j'aime beaucoup la France quand-

même.

Donc le choix serait simple? Le Portugal?

Si je regarde qui je suis et si je suis lucide, j'aurais plus de chances de jouer avec le Portugal qu'avec la France. Mon choix serait ainsi fait.

Le Portugal peut être une grande Nation du volley-ball?

Moi, je suis plutôt surpris des résultats que le Portugal arrive à obtenir. Et puis il y a de plus en plus de portugais qui sortent du Portugal pour jouer dans de grands Championnats comme, par exemple, Miguel Tavares. J'ai joué contre lui quand j'étais à Orange et je peux dire que j'appréciais beaucoup son jeu. La Sélection portugaise évolue, et c'est très bien.

En tant que passeur, Nuno Pinheiro est un exemple, lui qui a remporté beaucoup de titres en France?

C'était évident un exemple. Moi, je suis originaire de la région d'Orléans et lui, il jouait à Tours. Quand j'étais petit, j'allais le voir jouer à Tours, c'était à 1h30 de chez moi, donc je l'ai souvent vu jouer et j'aimais beaucoup.

Et comment on devient passeur?

Pourquoi suis-je devenu passeur? A un moment, on m'a dit: Cédric, tu n'es pas hyper physique, tu ne fais pas 2 mètres, donc tu ne peux pas être ni central, ni pointu, et si tu veux jouer à haut niveau, il faut que tu sois passeur. Du coup, je suis devenu passeur et j'ai énormément travaillé.

Que peut-on espérer pour la saison prochaine?

Après trois saisons à Nancy, je vais quitter le club. Je ne peux pas encore dire où je vais, mais je vais jouer dans un club de la première division française.

Alors, vous allez attirer l'attention de la Sélection portugaise?

On va gagner en visibilité. J'espère arriver à bien progresser et à prendre du temps de jeu pour qu'on puisse me voir, on ne sait jamais.

BOA NOTÍCIA

Confier, acreditar, saber

Quem eram os discípulos? Pessoas crédulas e ingênuas? Idealistas ou sonhadoras? Pessoas fragilizadas pelo sofrimento que se deixaram enredar numa alucinação coletiva? O Evangelho do próximo domingo apresenta uma outra versão e dá bastante relevo às dificuldades que todos tiveram em aceitar a ressurreição de Cristo: «Espantados e cheios de medo, julgavam ver um espírito (...) Eles, na sua alegria e admiração, não queriam ainda acreditar». Os apóstolos não são ingênuos e não se contentam com notícias em segunda mão. Precisam de “ver para crer” (como Tomé no domingo passado) e mesmo quando veem, não deixam de ser um grupo desconfiado, crítico e exigente.

A ressurreição permanece um dado de fé e nem mesmo as aparições de Cristo ressuscitado conseguem garantir certezas cientificamente comprovadas. O encontro com Jesus vivo só é possível através um longo caminho espiritual e as dúvidas e hesitações que experimentamos na nossa vida não são elementos incómodos e inúteis, mas sim, partes essenciais do percurso que leva a uma fé madura. Mesmo uma “crise de fé” não é (forçosamente) uma coisa má! “Crise” é uma palavra de origem grega que significa “separar” ou “escolher”. Uma crise obriga-nos a tomar decisões! E ajuda-nos a reformular, repensar e, eventualmente, purificar a nossa fé!

Tal como dois namorados não conseguem encontrar a prova matemática de serem feitos um para o outro, também a ressurreição nunca será uma certeza científica. Porém, alguns esposos, depois de um longo caminho juntos, conseguem dizer, sem medo e sem dúvidas: «Confiámos, acreditámos e hoje sabemos». Com a Fé acontece o mesmo.

P. Carlos Caetano

padrecarloscaetano.blogspot.com



Sugestão de missa em português:

Sanctuaire de Notre-Dame de Fátima-Marie-Médiatrice
48 bis boulevard Sérurier
75019 Paris
Sábado às 19h00
e domingo às 11h00

Receba o LusoJornal comodamente em sua casa



ABONNEMENT

☐ 20 numéros de LusoJornal (30 euros)

☐ 50 numéros de LusoJornal (75 euros)

Participation aux frais d'envoi

PRÉNOM + NOM _____

ADRESSE _____

CODE POSTAL _____ VILLE _____

TEL. _____ EMAIL _____

J'envoie ce coupon-réponse avec un chèque à l'ordre de LusoJornal, à l'adresse suivante :

LusoJornal | 11 bis rue de l'isle | 95410 Groslay